

12
BIBLIOTHECA

N.º 278

PORPHIRIO A. SANTOS

—
O

11.249.

EXPEDICIONARIO

DRAMA EM 3 ACTOS

ORIGINAL

*Representado com grande successo
em diversos theatros publicos
e particulares*



LIVRARIA POPULAR DE FRANCISCO FRANCO

(CASA FUNDADA EM 1890)

50 a 54. TRAVESSA DE S. DOMINGOS . 50 a 54
LISBOA

OBRAS DE MARCELLINO MESQUITA

Leonor Telles, dr. historico em 5 a. 400	Morta Galante, mon. em verso... 200
Os Castros, drama em 4 actos... 300	A Noite do Calvario, dr. em 5 a. 300

DE EDUARDO SCHWALBACH LUCCI

Os Pimentas, comedia em 3 a... 300	Dente(o)do Maçarico, c. da m. 3 a. 60
O Filho da Carolina, com. em 4 a. 300	Filhos do Capitão-Mór, c. d'esta opereta em 3 actos... 60
Anastácia & Comp. ^a , modas e confecções, comedia em 3 actos... 300	Formigas e formigueiros, coplas d'esta revista em 3 actos... 60
A Bisbilhoteira, com. em 3 actos. 300	Kiki, coplas d'esta oper. em 3 a. 60
O Intimo, com. em 3 a, 2. ^a ed. 300	Nieles, coplas d'esta rev. em 3 a. 60
Santa Umbelina, com. dr. em 3 a. 300	Retalhos, cop. d'esta rev. em 3 a. 60
A Cruz da esmola com-dr. em 3 a. 300	Retalhos de Lisboa, coplas d'esta revista em 3 actos. 60
A Senhora Ministra, com. em 3 a. 300	Reino da Bolha, cop. desta rev. 3 a. 60
Quanto mais guaa..., com. em 1 a. 120	O Poeta de Xabregas, coplas d'esta revista em 3 actos... 60
Agulhas e alfinetes, cop. de rev. em 3 actos... 60	
Barril do lixo, cop. de rev. em 3 a. 60	

DE D. JOÃO DA CAMARA

Dona Brisida, com. 1 a. (em v.). 120	Fibi & C. ^a , cop. d'esta oper. 3 a. 60
Ganha Perde, com. em 3 actos. 300	Burro (o) do Sr. Alcaide, coplas d'esta opereta em 3 actos... 60
Pantano (o), dr. em 3 a. 2. ^a ed. 300	Cóco, Reineta e Facada, coplas d'esta opereta em 3 actos... 60
Rosa Engeitada, dr. em 6 actos... 300	O Oito, cop. d'esta oper. em 3 a. 60
Toutinegra Real, com. em 3 a. 300	João dos Velhos, coplas d'esta opereta em 3 actos... 60
Os Gatos, mon. em vers., 2. ^a ed... 100	Solar dos Barrigas, coplas d'esta opereta em 3 actos... 60
Gri-Gri, mon. em v. 2. ^a edição... 100	Testamento da Velha, coplas d'esta opereta em 3 actos... 60
Historia da Carochinha, monologo em verso. 2. ^a ed ção... 100	
A Primavera, mon. em v. 2. ^a ed. 100	
Os Sinos, mon. em v., 2. ^a edição 100	
Ali-Babá, cop. d'esta oper. em 3 a. 60	

DE N. T. LEROY

Operettas em 1 acto	
Amores do coronel, 2 h. 1 s. 200	Art. 355 1/2 bis, em 1 ac. 6 h. 1 s. 120
Noivos de Margarida, 3 h. 1 s. 200	Ora esta!... 5 h. 2 s. 120
Os Tyrolenses, 1 h. 1 s. 200	Duetto's, tercetto's e quartetto's
Um casamento em Brancannes, 4 h. 1 s. 200	Rego, duetto, 1 h. 1 s. 100
Canto celestial, 3 h. 1 s. 200	Perichole, duetto, 1 h. 1 s. 100
Filha da sr. ^a Augot, 4 h. 1 s. 200	Pst! Pst! duetto, 1 h. 1 s. 100
Bocaccio na rua, 4 h. 1 s. 200	Capacete, duetto, 1 h. 1 s. 100
Traviata, 7 h. 1 s. 200	Com um grão na aza, d, 1 h. 1 s. 100
Cinco sentidos, 3 h. 1 s. 200	Medrosos, duetto, 1 h. 1 s. 100
Bibi, 1 h. 1 s. 200	Os elegantes, duetto, 2 h. 100
Paris e Sevilha, 1 h. 1 s. 200	Maxixe, duetto, 2 h. 100
Duro com duro, 2 h. 1 s. 200	Chin zes, duetto, 1 h. 1 s. 100
Nini, 5 h. 2 s. 200	Alfacinhas, tercetto, 3 h. 100
Mestre dança, 3 h. 2 s. 200	Tabacaria Paulus, terc. 2 h. 1 s. 100
Carvão e bollas, 3 h. 2 s. 200	Então cumié? quartetto, 2 h. 2 s. 100
Ultima moda, 2 h. 1 s. 200	Uma jornada, quartetto. 2 h. 2 s. 100
Sol de ouro, 2 h. 1 s. 200	Cançonetas
Comedias	Alto (O), lá... 100
Perfume, em 3 actos. 5 h. 2 s. 300	Ai que calor... 100
Commissario é uma joia, em 1 ac. 7 h. 1 s. 120	Ali á preta... 100
	A los toros... 100
	Amigos do patrão... 100

BIBLIOTHECA DRAMATICA POPULAR

N.º 278

PORPHIRIO A. SANTOS

O EXPEDICIONARIO

DRAMA EM 3 ACTOS

ORIGINAL

Representado com grande successo em diversos theatros
publicos e particulares



B. 32126

LIVRARIA POPULAR

DE

FRANCISCO FRANCO

CASA FUNDADA EM 1890

30 a 34 - TRAVESSA DE S. DOMINGOS - LISBOA - 30 a 34

PERSONAGENS

D. RODRIGO D'ALCACER.....	50	annos
ALVARO D'ALCACER, official do exercito, seu filho..	20	»
PEDRO, velho marinheiro, capitão de marinha mercante	60	»
PADRE ANTONIO, seu intimo amigo.....	40	»
O DOUTOR.....	40	»
ESTOPA, moço de marinha mercante.....	30	»
MARTHA, filha de Pedro.....	20	»

Lisboa — Actualidade

OBSERVAÇÃO

(O Padre Antonio deve apresentar-se de sobrecasaca, calça e collete preto, gola branca e peitilho preto, chapéu usual. Alvaro apresenta-se de fato de kaki, chapéu á expedicionario).

ACTO I

(Sala modestamente mobilada, porta e janella ao F. No primeiro plano mesa e cadeiras, portas lateraes. E' dia.)

SCENA I

Pedro e Martha

(Ao subir o panno Martha está sentada como entregue a um pensamento. Pedro junto d'ella acarinhando-a).

Pedro *(depois de pequena pausa)* — Então, minha filha! Porque entristeces? Acaso não és feliz, tendo-me junto de ti?... *(pausa)* Quem como eu, arrostará por ti tantos e tantos perigos, expondo a vida ante as mais tremendas tempestades; encarando o mar, esse enorme abysmo, que nos seus momentos de ancia e ferocidade nos escancára as suas guellas querendo submergir-nos, ao mais leve sôpro da sua robustez inegualavel!... E tudo isto, porquê? Por ti, unicamente por ti; unica alegria d'este pobre velho. E é n'esses momentos de lucta em que o seu dorso se ergueu brutal e ameaça-

dor, que todo o meu ser se confunde. E julgas, que é terror ou cobardia o que em mim se opéra? Não! Um pensamento me invade. E é então que, vendo-te com os olhos d'alma, o teu nome me assoma aos labios como o da virgem que nos ha-de conduzir a porto e salvamento. E então o gigante, esse colosso que a tantos amedronta, parece querer refugiar-se, vexado da sua cobardia, da sua pequenez, e n'um dado momento, humilha-se... Isto passa-se, no mar! E aqui sob estes tectos, onde tu, a debil avesinha, cujos gorgeios da tua voz meiga, e docil, se repercutem n'este peito, como o manso correr das aguas d'encontro ao costado do meu navio; aqui, onde a pureza do teu olhar... que é o symbolo da santa e doce paz d'este lar... aqui, onde a graça e desenvoltura d'esse teu corpo gentil se assemelha á mais leve penna que o vento agita com uma agilidade que extasia... Eu, o velho lobo do mar, curvo a cerviz amedrontado. Isto passa-se em terra! (*fica triste*).

Martha (*abraçando-o*) — Oh! meu pae! Meu querido pae!

Pedro — Que mal te fez esse pobre velho, para que assim lhe tortures o coração?...

Martha (*com meiguice*) — Oh! não! Não quero ser eu a causa do seu soffrimento.

Pedro (*como continuando*) — Porque se operou em ti tão súbita tristeza?...

Martha — Não é tristeza o que me invade...

Pedro (*continuando*) — Serei eu quem dê causa a essa tristeza?

Martha (*abraçando-o*) — Perdõe se o fiz soffrer.

Pedro — Dentro em breve partirei para o mar. Mais uma vez ficarás sob a tutela do Padre Antonio, esse excellente character tão differente d'aquelles que tão ignobilmente cumprem a sua sagrada profissão. E' elle uma excepção. O disvelo e o carinho com que sempre tem cuidado de ti, faz com que possas, e devas, chamar-lhe teu segundo pae, e eu um verdadeiro amigo, quasi um irmão.

Martha — Sei quanto lhe sou reconhecida.

SCENA II

Os mesmos e Estopa

Estopa (*pelo F. apressadamente*) — Menina Martha! Menina Mar... (*interrompe-se vendo Pedro. A'parte*) Dei n'um baixo.

Pedro — Que temos?

Estopa (*áparte*) — Agora só a reboque é que me arrancam d'aqui.

Pedro — Então, ficaste encalhado?

Estopa — Era, (*atrapalha-se*) não era... Não é nada, capitão.

Pedro (*admirado*) — Não é nada! Porque vinhas correndo e chamando...

Estopa (*atalhando-o*) — E' que eu julgava que a menina Martha estivesse só.

Pedro (*olhando-o e olhando para Martha*) — E que póde haver

que a minha presença... (*a Martha*) Minha filha! Tens segredos para teu pae?

Martha (*assombrada*) — Oh! meu querido pae. Asseguro-lhe que ignoro por completo de que se trata. E juro lhe até, que nunca auctorisei o José a proceder, como está procedendo.

Estopa (*envergonhado e arrependido*) — Eu peço perdão se... Mas é que sabendo... Julguei ser-lhe agradável vindo-a prevenir de que...

Pedro (*ameaçador*) — Tu acabas de gaguejar, ou esfolto-te? (*vae a dar-lhe um pontapé*).

Estopa (*fugindo-lhe, á parte*) — Se não me abaixo mettia-me a pôpa dentro.

Pedro (*como acima*) — Tu não ouves?

Estopa (*fugindo-lhe, á parte*) — Guarda de baixo. Alto. E' que eu estava na vigia da cosinha... isto é, á janella, e avistei ao portaló um escaler... quer dizer, um trem conduzindo o senhor ALVARO...

Martha (*á parte*) — Elle!

Estopa (*continuando*) — ...Que mandou pedir auctorisação para subir ao tombadilho do capitão.

Pedro (*á parte*) — Comprehendo. (*alto*) Dize-lhe que suba. (*á parte*) Amam-se.

Estopa — Irei eu mesmo recebê-lo ao portaló. (*sae correndo*).

Martha (*á parte*) — Vê-lo ainda uma vez, antes de partir! Eu te agradeço, meu Deus.

Pedro (*que tem estado pensativo, á parte*) — Qual será o motivo d'esta visita?...

SCENA III

Os mesmos, Alvaro e Estopa

Alvaro (*entre portas ao F.*) — Dá-me licença, capitão?

Estopa (*adeantando-se*) — Póde penetrar, o capitão dá licença sim senhor.

Pedro (*a Alvaro*) — Queira entrar, senhor Alvaro. (*Alvaro desce. A Estopa*) Levanta ferro. (*indica-lhe a sahida*).

Estopa (*á parte*) — Já lá vae o mau tempo, está o mar chão. (*sae bamboaleando-se*).

Alvaro (*a Martha*) — Permitta-me Martha, que lhe apresente os meus mais respeitosos cumprimentos.

Martha — Bemvindo seja a esta sua casa...

Pedro — Se bem que não seja digna de si tão humilde habitação, permitta-nos a liberdade de lhe dizer que a considere tanto nossa como sua.

Alvaro — Agradeço-lhe, capitão. E creia que me orgulho immenso d'essa honra. Para mim todas as habitações são dignas. Não me envaidecem os sumptuosos salões, nem o luxo que os embelleza. E se bem que para mim hoje seja um dia de lucto e de lagrimas... Sinto-me bem aqui.

Pedro e Martha (*admirados*) — Lucto e lagrimas ?

Alvaro — E' verdade. Faz hoje justamente dez annos que perdi minha mãe. (*querendo esquecer*) Porém o assumpto que aqui me traz é outro. Para que avivar tão tristes recordações, quando eu n'este momento tanto e tanto necessito readquirir forças.

Pedro — A que devo, pois, a honra da sua visita ?

Alvaro — A honra é toda minha, capitão. E se alguma vez a vaidade me assaltou, é n'este momento em que solicito a mão d'um homem que para mim representa o symbolo da honra. (*estende-lhe a mão*).

Pedro (*estendendo-lhe a mão*) — Perdõe se lh'a não estendi logo que entrou. (*acanhado*) E' fidalgo, emquanto que eu...

Alvaro (*opertando-lhe a mão com força*) — O ser fidalgo nem sempre é honroso. Sou um homem como qualquer outro, não admitto differenças. Venho aqui cumprir um dever, visto que outro dever me chama. (*larga-lhe a mão*) Parto amanhã para a Africa, em serviço da patria.

Pedro (*admirado*) — O quê ? E' expedicionario ? Mas o seu nome não vinha na lista dos officiaes expedicionarios !

Martha (*á parte*) — Perdê-lo ! Talvez para sempre.

Alvaro (*a Pedro*) — Effectivamente assim é. Mas á ultima hora tendo adoecido um official da minha patente, fui eu chamado a substituí-lo.

Pedro — E' sempre bello quando expômos a vida em defesa da patria.

Alvaro — Sirvo-a com zelo e dedicação. Pago integralmente o meu tributo. Parto, para que me não apoellidem de covarde. Não é nostalgia o que em mim sinto, nem apêgo á vida. Parto para satisfazer a vontade d'uns, e a vingança d'outros. E' preciso partir, partirei. Partirei sem um olhar de indignação, sem um gesto de ameaça, sem um grito de revolta. A patria reclama-me, irei. Irei ao lado dos meus irmãos, dos meus camaradas, expôr-me como elles á carnificina humana, a essa tragica e desmoralisadora maneira de podermos dizer: E' nosso, o que é d'outros. A'manhã, ao som da marcha nacional, partirei tendo nos labios um sorriso, e no coração uma revolta. Que essa marcha seja para elles um regosijo, que para mim será um grito funebre que o provir esclarecerá.

Pedro (*admirado*) — Mas então ?...

Martha — Parte contrariado ?

Alvaro — Parto, porque é preciso partir. Parto, porque é esse o meu dever como soldado. Parto, porque... alguém me obriga a partir.

Pedro e Martha — E esse alguém ?

Alvaro — Esse alguém é... é meu pae e...

Pedro e Martha — Seu pae !?

Alvaro — Meu pae, sim, meu pae para quem eu sou um obstaculo perigoso a qualquer manejo da sua má indole. Não sou um expedicionario, sou um expatriado.

Pedro — Todavia seu pae tem sido para si d'uma extremosissima dedicação, em prol do seu futuro.

Alvaro — Como se engana, capitão. Quizera eu ter por pae um bandido, viver como um pária, alimentar-me das mais nojentas sobras, mas nunca eu tivesse nascido partilhando do sangue d'esse homem. Ha na minha vida um segredo. Segredo que eu hei-de descobrir á custa da propria vida. E no entanto n'este momento, conservo me indifferente a tudo, para que me não apontem como doido. A lucta continua e terrivel que se travou n'este peito, fez com que alimente um odio terrivel, um odio implacavel a meu pae, e aos seus cumplices.

Pedro e Martha (*espantados*) — Cumplices?

Alvaro — Sim; essa seita vil e hypocrita que enxameia todo o universo propagando o bem e praticando o mal. Essa caterva ignobil que semeia discordias e colhe bençãos dos que ainda desconhecem os seus arditos fins.

Pedro — Não o comprehendo.

Alvaro — Um dia me comprehenderá. E por agora, só lhes peço que me não amaldiçoem.

Martha — Amaldiçoem-o, e porquê?!

Pedro — Se bem que o não comprehenda, avalio o que lhe vae n'alma; e oxalá o futuro lhe esclareça o que tão mysteriosamente se occulta na sua vida.

Alvaro — Assim o espero. E agora mais do que nunca anseio por desvendar o que sou, de quem sou, e para quem sou.

Pedro — Que Deus lhe depare o melhor caminho a seguir, conduzindo o onde tanto e tanto deseja chegar.

Alvaro — E uma vez cumprida a minha missão, vindo fazer a derradeira despedida, peço-lhes me perdôem o ter dado largas ao meu coração. Necessitava d'alguem a quem abrisse os arcanos da min'alma. E se no todo se me não afasta do espirito a lucta insana em que me debato, em parte satisfiz ao turbilhão de ideias que me queimam o cerebro.

Martha — Deus o auxiliará.

Pedro — Confie em Deus.

Alvaro — Confio em mim, apenas... (*outro tom*) Aceite, pois, honrado velho o mais sincero e cordeal aperto de mão e... até um dia. (*apertam as mãos*).

Pedro (*sem lhe largar a mão*) — Os sentimentos que em mim se avolumam, a lhaneza do seu trato, a sua individualidade, tudo contribue para que o estime como um filho.

Alvaro — Considerar-me bia o mais feliz dos mortaes, se me fôsse dado gosar d'esse titulo, poder chamar-lhe para sempre, meu pae. (*largam as mãos*).

Pedro (*á parte*) — Como elles se amam.

Alvaro (*a Martha*) — Martha! Menina Martha! Aceite a expressão mais sincera e respeitosa de quem a ama... como irmã. (*baixo*) D'aqui a duas horas estarei de volta, espero podêl a encontrar só. Se confia em mim não repudie este pedido. (*alto aos dois*)

Adeus! (*vae ao F. entre portas, volta-se cumprimentando com saudade*) Adeus! (*sae apressado*).

Pedro — B a viagem.

Martha — Que Deus o guie. (*vae á janella*).

SCENA IV

Pedro, Martha, depois Padre Antonio

Pedro (*comsigo*) — Ha nas palavras d'este rapaz qualquer desejo de vingança. (*fica pensativo*).

Martha (*á parte*) — D'aqui a duas horas. Mas como conseguir ficar só... Querido Alvaro, quanto soffres com esta separação... (*alto a Pedro*) Meu pae!

Pedro — Minha filha.

Martha — Se meu pae tivesse um filho, a quem amasse com affecto verdadeiramente paternal, teria animo de fazê-lo expatriar para essas regiões inhospitas, expô-lo ás balas inimigas, e ao clima mortal?

Pedro — Porque me fazes essa pergunta?

Martha — Porque acho deshumano, barbaro até, que Alvaro seja mandado para a Africa, a pedido de seu proprio pae.

Pedro (*á parte*) — Como ella o ama. (*alto*) E quem nos diz, minha filha, que o que elle julga ser uma vingança, não seja um pedido proveitoso? D. Rodrigo apesar de austero e orgulhoso, é pae. e...

Martha — Não creio.

Pedro — Calla-te. Desconheces por completo a que distancia vae o orgulho d'esse homem, a quem talvez uma força occulta impelle a expôr seu filho no campo da batalha, para que assim, pelo seu heroismo, possa conquistar um nome para si, para os povos, e para a historia. alliando-o ao que já possui.

Martha — E quando assim fosse, julga que Alvaro o não comprehendaria?

Pedro — E's nova ainda para que possas avaliar a vaidade dos homens que compõem a escala dos mais afortunados.

Martha (*á parte*) — Oh! que horrivel é esta separação.

Padre (*entre portas ao F. com ar de bondade*) — Que o senhor esteja convosco. (*desce*)

Martha (*indo ao seu encontro*) — Bemvindo seja. A sua benção.

Padre (*abençoando a*) — Sómente a Deus compete abençoar-te. Sirva-te a minha benção de supplica á benção de Deus.

Pedro — Que sejas bemvindo a esta tua casa.

Padre (*apertando-lhe a mão*) — Meu bom amigo, venho trazer-lhe uma nova.

Pedro — De que se trata?

Padre — Alvaro, o filho de D. Rodrigo, acaba de ser chamado ás armas, e parte amanhã...

Pedro (*atalhando*) — Já o sei.

Padre (*admirado*) — Quem vos disse ?

Pedro — Elle.

Padre — Fallaste-lhe ?

Pedro — Esteve aqui a despedir-se, e creio que parte contrariado.

Padre (*baizo a Pedro*) — E' a pedido do pae e... (*áparte*) Que Deus me perdôe.

Pedro — Elle assim m'o fez entender... Acabava elle de sair quando entravas. Veio despedir-se de... (*baizo*) d'ella. Martha ama-o, e eu receio d'esse amor já tão inveterado no coração d'ambos.

Padre (*baizo*) — Deus não permittirá essa união. E eu saberei, tanto quanto as minhas supplicas o permittam, fazer echo no coração de nossa filha. Deixa nos sós.

Pedro (*a Martha*) — Minha filha ! Os preparativos para a proxima viagem não me permittem delongas. Deixo-te com aquelle que tão carinhosamente tem sabido amar-te, e substituir-me. Até já.

Martha (*beijando-o*) — Até já, meu querido pae.

Pedro (*ao padre*) — Abi a tens. Olha por ella. (*sae*)

SCENA V

Martha e Padre Antonio

Padre (*depois de pequena pausa*) — Minha filha !

Martha — Meu padre.

Padre — A fraqueza d'esse teu olhar, a sua fixidez, são indícios de quem em silencio chora. (*fitando-a*) Duas lagrimas que te deslisam pelas faces mimosas, são fragmentos de maior quantia. Tu soffres ?

Martha — Meu bom padre. A vossa saceratissima missão impõe-me todo o dever, todo o respeito. E é para vós que n'este momento appello, afim de que possa minorar o que tanto e tanto me tortura.

Padre — Tratas-me como o ex'ige a minha sagrada profissão. Todavia, queria eu ouvir d'esses labios virginaes outro tratamento que não fosse aquelle que me debes como sacerdote, mas sim, como bom amigo, protector, um pae n'ausencia d'aquelle que possui esse titulo.

Martha — Educada n'este habito, difficil se me torna empregar outro que não seja aquelle que vos é devido como ministro de Deus.

Padre — Os laços que nos unem tornam superfluas essas maneiras demajadamente respeitos as com que me honras. A sacrosanta missão que desempenho ante Deus e perante os homens, nem por isso deixa de me classificar um homem, como qualquer outro. Reconheço a minha odiada posição. Sei perfeitamente a quantos olhares rancorosos me exponho. A sociedade accusa-me de mau. Não posso avançar um passo, que não ouça logo : Maldito ! Não posso erguer o braço n'uma supplica, que me não digam : Velhaco !

Não posso elevar a voz n'uma prece, que me não chamem Hypocrita! E tudo isto eu ouço sem um grito de protesto, sem um olhar de indignação... Restam-me como lenitivo a essas imprecações as consoladoras palavras d'aquelles a quem amo, a quem idolatro, até ao último arranco.

Martha — E porque o hão de tratar assim sendo como é tão bom?

Padre — Sou bom?... Julgas-me bom?... Quem sabe! Talvez que o não seja, que o pareça apenas!...

Martha — Eu que vos amo com affecto verdadeiramente filial, que de vós tenho recebido innumeradas provas de paternal carinho... devo por vedtura accusar-vos de mau? Não! Sois bom! E por isso n'este momento angustioso em que o peito me trasborda de commoção, particula d'um soffrimento atroz que esf. cella duas almas que se fundiram, dois corações que se amam, dois entes que se adoram... venho solicitar de vós benevolencia, compaixão, para o que me e peza sobre o peito.

Padre — Pelas tuas palavras quasi advinho o que te vae n'alma. Aqui, não está o confessor. Aqui não está a penitente. Aqui, está um amigo leal, sincero e carinhoso. Aqui está a candida pomboinha, cujo peito tão fragil receia despedaçar-se aos embates do coração, e a quem eu apenas saberei mitigar o soffrimento com a palavra de Deus dita pela bocca d'um dos seus peccadores... Falla.

Martha — Meu padre, não é d'hoje nem d'hontem que o meu coração alimenta um amor vehemente, e a tal ponto differente do que consagro a meus paes, que receio extinguir-se ao aproximar-se o momento d'uma separação, imposta pela indole mais perversa do homem que se eguala á fera, que nos despedaça as carnes ciosa de vingança, ou que traiçoeiramente nos assalta á beira d'uma estrada. Esse todos os nomes mereceria excepto, o de pae!

Padre (*admirado á parte*) — Como ella o ama. Inspira-me, meu Deus! (*alto*) E quem foi que assim tão cedo ponde conquistar esse amor de creança, esse amor tão puro, tão ingenuo, tão jovial que te tortura?

Martha — Este amor consagro-o a Alvaro.

Padre (*fingindo-se estranho*) — Que Deus se amercie do teu pobre coração. Que a sua infinita benevolencia venha sobre ti como um abraço acariciador ao teu infantil e virginal pudor. Alvaro é para mim como um filho. Eu sou para elle como um extranho. Apesar do seu espirito avançado, nunca dos seus labios ouvi uma palavra de carinho, ou de recriminação. Mostra-se diante de mim altivo e silencioso, não sem que eu lhe leia nos olhos o odio que me vota. Comtudo, eu indifferente á sua incomprehensivel attitude, consagro-lhe verdadeira estima. Como queres tu, minha filha, esposar Alvaro, quando o character orgulhoso do pae jámais permittiria essa união...?

Martha — Oh! estou certa de que Alvaro não se deixará elevar no orgulho paterno.

Padre (*á parte*) — Como evitar uma imposição formal? Meu

Deus, ajude-me ! (*alto*) Minha filha ! Se eu te pedisse para renunciars a esse amor . .

Martha (*atalhando*) — Morreria !

Padre (*com receio*) — Oh ! por Deus te peço não profiras semelhante blasphemia. Attende ao que te supplico. Conheço eu por uma inoffensiva espionagem o delicto gravissimo a que te expões, se não attenderes á palavra de Deus. (*vae escurecendo a scena, anoitece*)

Martha (*assustada*) — Delicto gravissimo ? !

Padre — Na actual conjunctura não me é dado revelar-te a causa de tão commovente prece.

Martha (*comsigo*) — Será a tua vontade divina quem me impõe tanto soffrimento ?... (*orando*) Oh ! Deus ! implorei-te a absolvição na pessoa d'um dos teus ministros e... condemnaste-me ! (*chora*)

Padre — Tranquilisa te, e attende-me. Sei quanto amas esse esbelto moço. Avalio quanto n'este momento estás soffrendo. E cre que eu partilho contigo d'essa dôr. Não é meu intuito esfacellar-te o coração, mas . . . ante a determinação de Deus deves curvar te reverentemente e obedecer-lhe. Conserva intacto esse amôr, abriga o teu coração á chamma intensa que o devora. Epoca virá em que revivas n'esse amor que ora lhe consagras, e então mais livremente pode ás acaricial-o. Mas n'este momento em que o cahos da vida nos não permite aclarar o que só a Deus compete, dever é aguardarmos a divina resolução e obedecer fielmente ao que nos determina. Vae ! Vae ! para o teu quarto, e ali ante a imagem de Christo solicita d'ella refugio para as tuas lagrimas, resignação para o teu soffrimento. Vae.

Martha (*comsigo*) — Denso veço nos envolve. Cumpra-se a vontade de Deus. (*ao Padre*) A sua benção.

Padre (*abençoando-a*) — Em nome de Deus eu te abenço-o. (*Martha põe as mãos e sae*)

SCENA VI

Padre Antonio (*só*)

Padre (*pondo as mãos e implorando ao céo*) — Senhor ! Inspira-me n'este transe para que possa attenuar no coração d'essa creança a chamma que o dilacera. Que a poderosissima vontade vossa venha sobre ella extinguir-lhe esse amor, que seria um crime. Da-me animo para vê-la soffrer ! . . . (*outro tom depois de pausa*) Data bem funebre passa hoje sobre o meu coração. Dez annos são decorridos em que a sua alma subindo ás regiões ethereas na presença de Deus tem permanecido velando por mim, e por elles. (*com saudade*) Amor ! Palavra amarga que nos descora os labios ao pronuncial-a, repassada de tristeza e de inolvidavel saudade . . . Amor ! Palavra sublime e pura que condensa duas almas n'um fremito de neve ao invoc-o n'um osculo de noivado ! . . . (*outro tom*) E tregue ao celibato ecclesiastico, cumpro o juramento que lhe fiz. Entregue a Deus, sirvo-o com o affecto e respeito que é dado á sacrosanta mis-

são que me expõe ante a sua imagem, e perante os povos... (com saudade) Minha querida Martha! Roga a Deus por nós! Vêla por nossos filhos...

SCENA VII

Padre Antonio e Pedro

Pedro (da D. com interesse) — Então, nossa filha? Onde está nossa filha?

Padre — Foi para junto do altar, pedir a Deus que lhe mino-
rasse o soffrimento.

Pedro (com magua) — Minha querida filha!

Padre — Sei quanto amor lhe consagras. Deus saberá premiar a tua inexcédível dedicação.

Pedro — Tenho-lhe tanto ou mais amor do que se fora minha verdadeira filha. No mar, no alto mar, o seu nome não me sae do pensamento; e nos momentos mais temerosos em que me debato com o oceano, os meus labios só sabem pronunciar o seu nome, como se fôra o da virgem santa que nos restitue ás aguas patrias, ao lar desejado, aos entes afeiçoados.

Padre — Tal como eu. Não ha um só momento em que eu a não veja. E é sempre ao santo sacrificio da missa que o seu nome se eleva nos labios a Deus. Todas as santas me parecem ella. E quanto mais as fito maior é a semelhança. E então parece quererem cingir-me, dizendo-me: Meu pae! Meu querido pae!... (fica pensativo)

Pedro — Depois da visita d'Alvaro todo o seu ser se transformou, e quando o ouvia fallar... (outro tom) A proposito, não me dirás p rque motivo D. Rodrigo affasta o filho...

Padre (atalhando-o) — Mais ta de o saberás. Por agora trataremos de nossa filha! Vamos. (saem)

SCENA VIII

Alvaro depois Martha

Alvaro (só, do F. espreitando com cautella. Ouve-se trovejar) — A noite vem triste e tempestuosa. Até a propria natureza parece querer compartilhar da minha dôr! Oxalá a occasião se proporcione para tê-la junto de mim, sem que pessoa alguma nos venha perturbar no nosso ultimo adeus. (ouve-se um trovão mais forte)

Martha (da E. assustada) — Como troveja, santo Deus!... (vendo-o) Alvaro!

Alvaro (indo a abraçal-a) — Oh! minha querida Martha!

Martha (defendo-o com meiguice) — Por Deus! Por Deus lhe peço que se retire.

Alvaro (enleiado, com assombro) — Expulsa-me?

Martha (quasi arrependida do que fez) — Expulsa-o? Oh! nunca! Mas...

Alvaro (atalhando) — Mas?

Martha — Deligenceie esquecer-me para sempre. Eu farci por

esquecel-o, embora isso me custe o sacrificio da propria vida! (*áparte*) Oh! meu Deus!

Alvaro — Comprehendo.

Martha — Não permittisse Deus que este encontro se dêsse mas...

Alvaro — Esse mas traduzem perfeitamente o que se agita em volta de nós. Comtudo, antes de me retirar, é com a mais respeitosa venia que lhe solicito um minuto apenas de attenção, para lhe dizer tudo que n'este momento estou experimentando dentro d'este peito, fiel archivo de tantas horas de felicidade. A inesperada transformação que em si se operou, faz-me vêr bem claramente que não é ao seu coração que obedece, mas sim a manejos d'outrem. Com tal arte lhe souberam operar no coração, que tão rapidamente pretende olvidar o passado... Não posso, nem devo julgar a. Esse alguém que soube influenciar-se excellentemente no seu coração, desejaria tê-lo ao alcance da minha espada. Oh! com que merecida punição eu inutilisaria esse estorvo, que pretende despedaçar o coração d'um ente adoravel de juventude, de graça... (*ouvem-se trovões*).

Martha (*assustada*) — E' Deus quem assim o ordena.

Alvaro — Deus! Como esse Deus é máu, vingativo e punidor! Como pretende fazer-me acreditar que seja esse Deus que o ordena, se até hoje jámais alguém o viu! Onde existe elle? Na nuvem? No grão d'areia? Na rocha escarpada?... Em parte alguma. Porque Deus é nada, como nada somos, como tudo é nada. (*trovões*)

Martha (*aterrorisada*) — Alvaro! Não blaspheme... Deus é quem nos vê em nossos actos, quem lê em nossos corações, quem nos manda obedecer, implantando em nosso peito...

Alvaro (*continuando*) — Sentimentos de desobediencia ao affetto que me deves, ao amor que me juraste, negando-me o coração! Lindibriando-me!... Oh!

Martha (*detendo-o*) — Oh! não conclus.

Alvaro — Vou partir, partir para não mais voltar, quem sabe! Que sobre mim venham os mais tremendos odios, que eu tudo farei para mitigar tanto quanto me fôr possível a minha dôr. Mas esquece-la, nunca! Foi se-me a ultima esperança, o sonho da minha juventude. E se isto foi apenas um sonho, a esperanza mentia! (*vae a sair*)

Martha (*detendo-o*) — Oh! não, não quero! A mentira é um peccado, e eu não posso, não devo proclamar uma mentira que seja a perda do meu... do nosso amor. Eu saberei attingir o cumulo da felicidade entregando-me nos teus braços, annullando o sacrificio que Deus me impõe. (*abraça-o*)

Alvaro (*abraçando-a*) — Oh! Martha! O coração dilatou-se voluptuosamente. E quem é que assim tão barbaramente pretende matar o que tanto e tan o deve viver, ante o esplendor da verdade?

Martha — Alguem que nos estima, e que apenas me aconselha pela palavra de Deus a que renuncie a este amor que...

Alvaro (*atalhando-a*) — E esse alguém é teu pae?...

Martha (*com tristeza*) — Não!

Alvaro — N'esse caso... (*recorda-se*) Ah!... O padre?

Martha — Perdoe-lhe?

Alvaro (*revoltando-se*) — Perdoar-lhe! E és tu quem implora perdão para esse bandido? Eis o exórdio da sua fingida moral. Como queres tu que eu perdôe a um homem gangrenado pelo vicio d'essa turba de despotas, cujos fins são inconfessaveis!

Martha — Não te revoltes contra esse homem, espelho da verdade, exemplo do bem.

Alvaro — Como te illudes. E acreditas, pobre creança, que, por esse homem até hoje ter sabido manter-se e respeitar-te, que isso não é filho da sua hypocrita bondade, cujo fito é desvendar-te o coração com a palavra Deus, á sombra da qual alcançará o que a sua má indole de começo alvejou? (*aparece Padre Antonio á porta da D. Escuta*)

SCENA IX

Os mesmos e Padre Antonio

Martha — Não me atreverei a accusal-o.

Alvaro — E agora que vê fugir-lhe a pomba dos seus sonhos começa pelas recriminações levando-te ao arrependimento. E não terá escrupulos em arrastar-te do arrependimento á seducção, da seducção ao crime. (*ouvem-se trovões e pela janella entram relampagos*)

Martha (*assustada vendo o padre*) — Por Deus, Alvaro, não prosigas. Escutam-te.

Alvaro (*voltando-se*) — E quem... (*vê o padre*) Tu!

Padre (*descendo com serenidade e pondo a mão no peito*) — Eu.

Alvaro (*colerico*) — Tu, vil hypocrita!

Padre — Eu! Eu que vos amo e vos perdôo.

Alvaro — Odeio esse amor, repudio esse perdão.

Padre — Que a divina mão de Deus desça sobre a vossa cabeça, protegendo-vos e affaste do vosso espirito sentimentos de que não sois digno, e que só a vossa revoltada consciencia vos impõe. Um dia virá em que haveis de relembrar o que n'este momento a Deus invoco para vosso auxilio.

Alvaro — São assim sempre as vossas estudadas expressões. Invocam o nome d'esse Deus para nos apagar da consciencia a luz da verdade que nos vae aclarar o cerebro. Almas immundas e depravadas, que em silencio preparaes a queda das consciencias esclarecidas, sem vos lembrardes de que apressaes o grande dia da vossa completa destruição, e da emancipação dos povos.

Padre — Que Deus vos perdôe, como eu vos perdôo.

Alvaro (*resoluto*) — Basta de cynismo, basta de hypocrisia! (*outro tom*) Porque pretendeis destruir n'um coração innocente, e que n'elle ha de mais bello, de mais grandioso, o amor? Essa doçura que nos assoma aos labios, e se repercute no coração como o siciar d'um beijo... Chamar-vos a voragem e a desunião perpetua.

no seio de todas as felicidades, é simplesmente prevenir o pensamento ao desígnio d'um crime. E' a suprema punição.

Martha (*á parte*) — Será a vontade de Deus quem me impõe tanto martyrio?...

Padre — Destruir é derrubar. levar ao ultimo extremo a supplica. E eu apenas imporo. E' Deus quem o determina, e não deves ir contra a vontade de Deus (*põe as mãos*)

Alvaro (*completamente desvairado cresce para o padre tentando segural-o.*) — Mentis! miseravel sotaina.

SCENA X

Os mesmos e Pedro

Pedro (*entrando a tempo e segurando o braço d'Alvaro*) — Suspenda, senhor! (*ouvem se trovões*)

Martha (*pondo as mãos*) — Oh! meu Deus!

Alvaro (*serenando como que envergonhado*) — Perdôe, capitão, o amor pôde mais que o raciocínio.

Pedro (*offendido*) — Estranho immenso que d'um character tão cavalheiresco surja tão repugnante acção. Nunca debaixo d'estes tectos, seio de virtudes e benções, exhalou o fetido da discórdia. E é o senhor, a quem ha pouco estendi a mão como amigo, quem pretende profanar com impias ameaças a santa paz d'este lar. Se não fôra o senhor, tel-o-hia expulso como um... intruso.

Martha (*supplicante*) — Meu pae!

Padre (*a Pedro*) — Perdoa-lhe Pedro, como eu já lhe perdoei,

Alvaro (*envergonhado*) — Eu saio capitão, sou indí...

Pedro (*interrrompendo o*) — Não é com a sua sabida que remedeia a falta commettida. E não sou eu quem o manda sahir.

Alvaro (*apertando a mão de Pedro com enthusiasmo*) — Oh! meu bom amigo.

Pedro — Tenha-me n'essa conta. (*ouvem-se continuados trovões e relampagos. Padre ergue as mãos ao céu.*)

Martha (*ajoelhando virada para a janella*) — Misericordia, Senhor!

Pedro (*á janella*) — Que a virgem nossa senhora véle por nossos irmãos que andam no mar. (*apparece ao F. D. Rodrigo muito embuçado n'um gabão*)

SCENA XI

Os mesmos e D. Rodrigo

Alvaro (*á parte*) — Vexado!

Pedro (*vendo Rodrigo*) — O senhor D. Rodrigo! (*admiração geral*)

D. Rodrigo — Eu mesmo em pessoa.

Alvaro (*á parte*) — Meu pae!

Padre (*á parte*) — Elle!

Pedro — A que devo a honra da sua visita a estas horas e sob uma tão tremenda tempestade? (*troveja*)

D. Rodrigo — Foi effectivamente a terrivel trovoada que tão repentinamente se desencadeiou quem me impelliu a procurar abrigo. Sabia perfeitamente que meu filho se encontrava aqui, por isso... (*outro tom a Alvaro*) Vejo que de facto está bem relacionado, para que a deshoras seja recebido tão familiarmente...

Pedro — Seu filho é aqui tão bem recebido como o pôde ser V. Ex.^a, sempre que queira dispôr d'esta sua casa...

Padre (*á parte*) — Este homem aqui! Santo Deus, receio um escandalo.

D. Rodrigo — Agradeço-lhe, senhor Pedro. (*com ironia*) Mas se me utilizei de sua casa, foi porque, como já disse, fui açoitado pela tempestade. (*com cynismo fitando Alvaro*) Por uma futilidade propicia, fui hoje levado a espionar as amiudadas visitas que meu filho faz a sua casa. Vi-o entrar, ha uma hora, seguramente. Tempo sufficiente para um colloquio amoroso. Acossado pelo vento, e pela curiosidade, tomei a resolução de subir, para assim me abrigar, e indagar do que dava causa a tanta demora.

Alvaro (*seccamente*) — Creio ter a idade sufficiente para não necessitar de espiões.

D. Rodrigo (*offendido*) — Atreve se... (*fingindo serenidade*) A sua linguagem é aspera em demasia, mas... não me esquecerei.

Pedro — Permitta-me senhor, o ter que lhe dizer, que não sei o que veja de extraordinario em tudo isto. Seu filho é aqui recebido, não como um extranho, mas sim quasi como um filho, um irmão.

D. Rodrigo (*recorda-se de qualquer cousa*) — Como um filho, diz? E, quem sabe... (*outro tom, colerico*) O resultado é problemático. (*com força*) Meu filho vem aqui, porque é o...

Alvaro (*não deixando concluir*) — Não conclua!

Pedro (*passando a mão pela fronte. Com força a D. Rodrigo*) — Serei eu quem lhe ordene que conclua.

Alvaro (*segurando Pedro*) — Capitão!

Martha (*idem*) — Meu pae!

Padre (*idem*) — Pedro! Tranquillisa-te, sou eu quem t'o pede.

D. Rodrigo (*a Alvaro*) — Vamos, senhor. Saia, saia quanto antes d'esta casa. Não ouse esquecer o respeito que me deve, e a posição que occupa na sociedade.

Alvaro — O respeito que lhe devo, creio não tê-lo ainda esquecido. O logar que occupo na sociedade não differe d'este onde me encontro, visto que sob estes tectos só se alberga a honra e o dever.

D. Rodrigo (*sorrindo*) — Deixe-se de preambulos ou subterfugios que me tomem muito tempo.

Alvaro — Pois bem, seja qual fôr o motivo da minha estada aqui; que pôde concluir d'isso?

D. Rodrigo — Concluo que o senhor contrabiu n'esta casa compromissos que o forcem a ser assiduo frequentador, e responsavel talvez por qualquer delicto vergonhoso para a minha dignidade

d'homem e de pae, factos que muito o deshonram, e que de futuro forçar-me-hão para honra do meu nome a ter que dizer lhe que o não considero meu filho... Vamos, saia d'este... bordel, se não quer que eu suffoque no pó pestifero que aqui se respira. (*Padre segura Pedro*).

Alvaro — E' muito!... Que ousasse transpôr os humbraes d'aquella porta para me zurzir com a sua habitual maneira de tratar, admitte-se. Mas, uma vez que ousou transpôr-a para vir manchar a pureza d'uma creança, a honra d'um homem, a quem bastariam as cans que lhe ornã a fronte, para lhe impõem o dever e o respeito, resta-me como premio a tão abjecta creatura que é, considerar não como pae, mas sim como...

D. Rodrigo (*atalhando*) — Como?

Alvaro (*resoluto*) — Como canalha!

D. Rodrigo (*cerrando os punhos*) — Acaso esquece quem sou, e o direito que tenho sobre si?

Alvaro — Tudo esqueci. Tudo completamente. Aqui, não está o pae. Aqui, não está o filho! Aqui, está um homem para quem a honra e a dignidade são palavras sem valor algum. Aqui, está o homem para quem a honra é divisa, e a dignidade é tudo... (*com força*) Aqui está o homem a quem assiste o direito de corrigir os que erram, mas o que não faço para poupar-me a uma vergonhosissima acção! (*sae arrebatadamente*).

Martha (*vendo sair Alvaro*) — Ah! (*desmaia nos braços de Padre, que corre a amparal-a*).

D. Rodrigo (*ameaçando para o F.*) — Treme da minha vingança. (*sae. Ouvem-se trovões até ao fim do acto. Pedro avança e recua ouvindo os trovões*).

Pedro (*como abstracto a tudo que se passou vendo sair D. Rodrigo*)—Canalha!... Villão! (*ouve se um trovão forte, e um relampago illumina a scena, ajoelha aterrorisado*) Virgem senhora, mãe de Deus e dos homens! Que a vossa misericordiosissima mão não deixe n'este momento ao desamparo vossos amados filhos que andam sobre as aguas do mar. Não olvideis senhora, as suas supplicas! Afastae-os do perigo, e levae-os a porto e salvamento. Ouvi meus rogos. (*resa*) Ave-Maria cheia de graça senhor é comvosco... (*ouve-se um trovão fortissimo. Continua resando baizinho*).

Padre (*abraçando o corpo de Martha que se conserva desmaiada nos seus braços*)—Oh! minha querida filha! (*ouvem-se trovões, relampagos entram pela janella, desce o panno*).

FIM DO 1.º ACTO

ACTO II

(Sala decentemente mobilada. Porta ao F. e lateraes, n'uma das paredes está um crucifixo. E' dia).

SCENA I

Padre Antonio e D. Rodrigo

D. Rodrigo (sentado em frente do Padre, como quem continua uma conversação) — Só ha um meio de reedificar mais solidamente o meu passado, tão infamemente derrocado. Não é nos escombros do presente que eu desejo reedificá-lo, mas sim na penedia do futuro, onde mais solidamente poderei reconstruir, para minha segurança.

Padre — E como quereis vós reedificar o que a vontade de Deus damnifica? Quereis ir contra a vontade divina?

D. Rodrigo — E como quer Deus que eu supporte essa damnificação, onde vejo sepultar-se o meu nome, a minha honra?

Padre (com espanto) — A sua honra!?! (áparte) Que negro presentimento me assalta, santo Deus.

D. Rodrigo (depois de pequena pausa) — Ouvi... Casei ha aproximadamente vinte e cinco annos. Despousei a mulher preferida pelo meu coração, essa mulher de origem plebêa, e sem um pergaminho que reunisse aos meus, razão demasiadamente authentica para que eu a amasse, áparte uma pequena parcella dos caprichos d'infancia, que sem um porquê, nos assalta desvairadamente. Quando se viu proxima a expirar, chamou-me junto do seu leito, e instou para que lhe jurasse que respeitaria a sua ultima vontade. Dei-lhe a minha palavra d'honra, e a palavra d'um fidalgo é tão sagrada, como a palavra de Deus. (levanta-se) Foi então que ella me disse que morria de desesperação e de remorsos; que temia a condemnação eterna, e que só o meu perdão a faria morrer tranquilla. Com a maior lucidez revelou-me o segredo fatal!... (com raiva) Ferido ante tão deshonorosa revelação, completamente desvairado, lancei-me sobre o seu corpo agonisante e, abreviei-lhe a morte, estrangulando-a!...

Padre (levantando-se aterrorizado) — Meu Deus! (áparte) Pois foi elle quem... E' horrivel! Elle! E foi elle quem a matou (cae n'uma cadeira).

D. Rodrigo (mais raivoso cerrando os punhos) — Meu filho já não era meu filho! A mãe! Essa cahiu victima da sua culpa,

quando me exigia que continuasse a amar o filho do adulterio !...
(*com força*) Miseraveis ! ! . . .

Padre (*levanta se, como força*) — Oh ! calle-se por Deus ! (*á parte*)
Minha querida Martha !

D. Rodrigo (*como acima*) — Oh ! Como Deus é inexoravel !
E era ella que para salvar a sua alma, esfacellava a minha !... (*de-
pois de pausa*) Foi então que me fiz mau, cruel e rancoroso... E
tinha eu dado a minha palavra d'honra... Mas como cumprir essa
palavra, se a honra estava irremediavelmente perdida ?... (*pausa*)
D'então para cá odiei esse filho. Senti desejos de o martyrisar, de
o esquartejar... Calei-me ; e durante este periodo decorrido apoz a
revelação, continuei a educar o filho, o... bastardo !... (*fica pen-
sativo contendo a raiva*).

Padre (*á parte, recordando-se de qualquer cousa*) — Mas então
Alvaro... Martha .. Meu Deus ! Não sei o que deva pensar. Al-
varo, não é filho do matrimonio ! . . .

D. Rodrigo (*comsigo*) — Um bastardo ! . . .

Padre — E é elle porventura culpado ? . . . Não ! . . . Nasceu...
Achou-se no mundo... Cresceu... E um dia quando a intelligencia
n'esse cerebro pequenino começou a manifestar-se, dissêram-lhe :
Aqui tens teu pae ; aprende a amal-o e a respeitá-o... . . .

D. Rodrigo — E ha n'este mundo um miseravel que, rindo-se
de mim, ousou manchar a minha honra, legando-me como premio da
sua façanha, a vergonha, a ignominia... Vingar-me d'esse homem,
é tudo a quanto eu aspiro ! Dilaceral-o, é tudo quanto me apraz !
Desconheço-o, porque ella não ousou pronunciar o seu nome.

Padre — E não lhe é sufficiente o arrependimento ? (*com alte-
ração*) O ter-lhe roubado a vida, quando prestes a extinguir-se, lhe
confessava o seu erro ? Pense no que ella teria soffrido ! (*á parte*)
Assassino !

D. Rodrigo — Que importa ! E se o filho é assaz estúpido
para um pretexto de vingança, não admittem que eu me vingue ?

Padre — Só a Deus compete punir os que erram, e absolver
os que peccam.

D. Rodrigo (*colerico*) — Ah ! Que morra como eu ha tanto
anno morro de raiva ! . . .

Padre (*á parte*) — Oh ! perversa creatura !

D. Rodrigo — E não poder eu vingar me d'esse homem ! Que
de supposições se me acotovellam no cerebro... De todos suspeito,
e até de ti já suspeitei.

Padre (*tremendo*) — De mim ? !

D. Rodrigo — De ti, sim, de ti. Mas pensei : Se fôra elle tra-
hir-se-hia.

Padre (*á parte, pondo as mãos*) — Oh ! meu Deus ! Dae-me
forças para me não trahir.

D. Rodrigo — Estou inteiramente seguro da tua inculpabili-
dade. O que é preciso, é que me coadjuves, me auxilies a encon-
trá-lo. Alguem segue, me escuta, me vê. E esse alguem, é quem tão
mysteriosamente me pretende fazer sossobrar, anniquilando todos

os meus planos, todos os meus calculos. Oh! mas ai d'elle se o encontro no meu caminho face a face, porque então... Matal-o-hei!

Padre — E como pretendeis vós arrastar-me a um crime, fazendo-me vosso cumplice?

D. Rodrigo — Não estás tu da posse do meu segredo? Pretendes recuar, quando tu mesmo annuiste a que me opuzesse tenazmente, — até á mais arrogante intimativa — aos amores de meu filho, com a filha d'esse rude marinheiro? Desejas retroceder, quando foste tu proprio que alcançaste do ministro sob um pretexto falso, que Alvaro fôsse substituir um seu collega, fazendo-o affastar para essas longiquas paragens, para assim o fazer esquecer d'esses amores?

Padre — Assim é. Depois do que vos ouvi, instando commigo para que o conseguisse affastar, não querendo que o vosso nome se ligasse á filha d'um marinheiro, rude sim, mas honrado...

D. Rodrigo — Visto que esse filho illegitimamente herdou o titulo dos meus antepassados, dos meus pergaminhos... que a sociedade o acredita e o aceita como meu legitimo filho, cumpria-me para salvaguardar o meu nome, oppôr-me a essa união tão vergonhosa.

Padre — Seja como fôr. Renuncio ao vosso pedido. Não fui educado no crime. Não sei ferir. Sirvo a Deus unicamente.

D. Rodrigo (*ameaçador*) — E porque foi que n'aquella noite, para mim bem memoravel, em que eu fui arrancar esse filho ao lodçal d'esse antro miseravel e grosseiro, te não oppuzeste na presença d'elle a essa união, annuindo á minha recusa? Tu, que mostraste interesse n'essa desunião?

Padre (*á parte*) — E' o meu segredo. (*alto*) Porque via n'isso, apenas a desigualdade de gerarchia... Mas sempre vos digo, uma vez que a isso me daes ensejo, que extranhei devéras a vossa ousadia, insultando sem pejo esse honrado velho, com a vossa immunda phraseologia, maculando a honra d'uma creança, que é a honra d'esse pobre velho, que se não fôra as minhas supplicas...

D. Rodrigo (*ameaçador*) — Acaso pretendes corrigir os meus actos?...

Padre — Desejo apenas apontal-os. Sois rico e poderoso. Não é isso o bastante para que d'um coração leal, e incapaz de praticar o mal, faças um coração perverso, e capaz de todos os crimes. A minha missão na terra será fielmente cumprida, e espero da justiça divina a pena para os culpados. Só a Deus compete averiguar das nossas culpas, e n'elle confio seguindo escrupulosamente o caminho que me delineou. Fujo dos homens que como vós fórmam o nucleo das almas pervertidas no mal...

D. Rodrigo (*desesperado*) — Calla-te, sacerdote estúpido. Quem como vós terá praticado maiores crimes, fazendo tantas e tantas victimas, prostituindo donzellas, arrecadando fortunas, servindo-vos de instrumento para a pratica de tão nefandos factos a palavra de Deus?

Padre (*com serenidade*) — E sou eu porventura culpado ou res-

ponsavel pelos crimes d'outros? E' o caso dos filhos não serem igualmente responsaveis pelos delict. s dos paes. Resta-me como consolação ás vossas accusações, o nada que me peza sobre a consciencia. Sirva-me Deus de testemunha, que tem seguido meus passos.

D. Rodrigo (*tomando uma resolução*) — Não percamos tempo... Quereis guerra como elles? Têl-a-has.

Padre — As vossas ameaças são um aviso, e até á execução d'ellas, sobre a vossa cabeça virá a justiça suprema. (*leva as mãos ao céu*).

D. Rodrigo (*desvairadamente vae sobre o Padre, recuando de pois*) — Mas primeiro derrotarei a tua repugnante personalidade, e...

Padre (*indicando-lhe o Christo que está na parede*) — Vêde! Vêde aquella veneranda imagem, como ella observa teus passos. Descarregae sobre ella toda a vossa colera, se a isso vos arrasta a vossa requintada ousadia. Feri-a, se tanto vos apraz. F'azei verter d'ella o sangue que necessitae para satisfazer a sêde da vossa vingança!... (*orando e voltando-se para a imagem*) Senhor! E' um peccador que vos implora. Compadecei-vos d'elle, afastando-lhe do espirito os instinctos que o conduzem aos mais degradantes crimes...

D. Rodrigo (*saindo rapidamente*) — Oh! maldito sejas tu, immundo sacerdote! (*sae*).

SCENA II

Padre Antonio (*só*)

Padre (*erguendo-se e vindo, a meia scena erguendo os braços ao céu*) — Martha! Minha querida Martha! Perdôa se n'este momento invoco o teu nome. Pelo muito que soffrêste! Pelo santo e acrisolado amor que um ao outro jurámos, solicita de Deus, resignação para o que em volta de mim se ateia!... (*outro tom*) E foi elle! Elle, quem lhe proporcionou a morte. Como o seu braço de ferro cahiria pesado sobre a pobre victima; como os seus dedos d'aço cingiriam aquelle pescoço debil e franzino, apertando-o n'uma força herculea, sedenta de vingança, apagando-lhe para sempre o que de mais precioso havia n'ella: a vida! Oh! Que horrivel supplicio o meu.

SCENA III

O mesmo e Martha

Martha (*da D. indicando tristeza*) — Estaes só?

Padre — Estou com Deus.

Martha — Pareceu-me ouvir fallar.

Padre — Resava.

Martha — Meu padre. Não vieram hoje noticias de meu pae? O correio não trouxe carta?

Padre — Não. Mas pelas ultimas noticias que tive, deve che-

gar por estes dias ao Tejo. São já decorridos dez mezes que saíu de Lisboa, e é a primeira viagem em que tanto se demora.

Martha — Quando recebestes a ultima carta?

Padre — Ha quinze dias.

Martha — Não li essa carta. Deixas-me lê-la?

Padre (*indicando uma mesinha*) — N'aquella gaveta a encontrarás.

Martha (*indo procurar á gaveta, mexendo em papeis que vae lendo de raspão*) — De que porto foi escripta?

Padre (*indo sentar-se cabisbaixo*) — De Loanda.

Martha (*encontrando a depois de lêr o envelope*) — Cá está. (*lê*). Loanda, doze de julho de mil novecentos e trez. Meu bom amigo: Depois d'uma travessia tormentosa e accidentada, que me forçou a retroceder, cheguei finalmente a este porto de boa saude, graças ao Altissimo. Oxalá a tua saude, e a de nossa querida filha, seja como a que a esta data experimento. Perto d'este porto tive que cumprir o dever que a lei de Deus nos impõe, arrancando d'uma morte certa um infeliz naufrago que se debatia com as ondas agarrado a uma pequena taboa. (*declama*) Coitadinho. (*lê*). Recolhi-o a bordo quasi exausto de forças. Quando ancorei propunha-me a participar, como é nosso dever, ás auctoridades superiores o acto praticado. Mas tal não fiz, porque o desgraçado, n'uma supplica commoventissima e dolorosa, pediu-me que tal não fizesse, pois era um infeliz deportado fugido, e a quem as leis militares tinham condemnado a deportação pelo simples facto de ter esbofeteado um seu superior que, abusando da sua inferioridade lhe roubára a pureza d'uma filha querida, negando-se a pagar a offensa. Eu, condoido da situação do pobre naufrago, annui ao seu pedido, que tal era o de encontrar um coração amantissimo que o restituísse á familia, aos filhos queridos, levando-o para Lisboa. (*declama*) Não tenho forças para concluir. Como seria dolorosa esta petição. (*guarda a carta na gaveta vindo á scena, á parte*) Dez mezes! Como o tempo decorre triste, melancolico! Dez mezes e dezoito dias d'ausencia. E partiu, partiu para nunca mais voltar! (*fica pensativa*).

Padre (*levantando-se*) — Miha filha! Permite que me retire, necessito estar só.

Martha — A noite approxima se, e eu receio tambem estar só.

Padre — Voltarei breve. (*á parte, sahindo*) E foi elle o seu algoz... (*sae*).

SCENA IV

Martha, depois Pedro e Estopa

Martha (*só*) — Depois do que se passou n'aquella noite terrivel, nunca mais o meu coração experimentou um vislumbre de alegria. Dez mezes e dezoito dias. Conto-os dia a dia, e aguardando sempre o seu regresso. Mas esta incerteza... (*fica pensativa*).

Pedro (*entre portas ao F. seguido de Estopa, á parte*) — Ella!

Vou beijal-a sem que me veja. (*vae pé ante pé e furta um beijo a Martha*).

Martha (*assustada*) — Ai!... (*vendo Pedro*) Oh! meu querido paesinho. (*abraça-o pelo pescoço e beija-o*).

Estopa (*aparte*) — Eu fico ao leme.

Pedro (*abraçando Martha*) — N'este barco navega-se com mais segurança.

Martha (*a Estopa*) — Adeus José.

Estopa (*fazendo uma venia com requiebro*) — Adeus, menina Martha. Não calcula o prazer que me dá quando a oiço tratar-me pelo meu nome. Lá a bordo sou, e serei sempre, o Estopa. Estopa para bombordo, Estopa para estibordo, Estopa p'rá vante, Estopa p'rá ré...

Pedro (*farto de o ouvir*) — Levanta ferro, e navega para a cosinha.

Martha (*a Pedro*) — Que pessimo costume o seu. Nunca é capaz de nos prevenir da sua chegada.

Pedro — Então que queres, minha filha. No mar não ha horas de partida nem de chegada.

Estopa (*mettendo-se na conversa*) — Aquelle comboy é outro... (*gesto de Pedro*).

Martha — Não posso habituar-me ás surpresas, é um pessimo costume, repito.

Pedro (*com sorriso*) — Ralha commigo, ralha, ralha que bem o mereço. Mas que queres. E' um habito que o marinheiro não perde.

Estopa — Lá isso é que é...

Pedro (*ameaçador*) — Levanta ferro, já te disse... (*a Martha*) Sendo a nossa vida, toda recheiada de surpresas, por isso nos habituamos a ellas.

Estopa (*rindo*) — Os ventos andam sempre a reinar ao jará com a gente...

Pedro (*ameaçador*) — Tu ainda não ouviste? Faz-te de véla e navega para a cosinha.

Estopa (*receioso*) — E' que eu queria pedir ao capitão licença para...

Pedro — Para quê?

Estopa — Para ir dar uma girata.

Pedro (*depois de pensar*) — Vá lá. Mas em sendo dez horas, a bordo, senão...

Estopa (*contente*) — Não ha erro, capitão. E' sempre a andar, e pannos largos. Adeus, menina Martha.

Martha — Adeus.

Estopa (*sahindo*) — Larga pannos, levanta ferro. (*sae correndo e bamboleando-se*).

Pedro (*a Martha*) — Vamos a saber: Onde está o nosso bom amigo padre Antonio?

Martha — Não ha dois minutos que se ausentou d'aqui. Creio estar no seu quarto.

Pedro — N'esse caso irei tambem surprehendê-lo, dando-lhe um abraço. Eu já venho. (*sae*).

SCENA V

Martha, depois Alvaro

Martha (só) — Nem a subita e desejada apparição d'este bom pae dissipa do coração a tristeza que o invade. Não ha uma só noite que eu o não veja em sonhos. E que sonhos, santo Deus! Quasi sempre o vejo cahir ferido mortalmente pelas armas inimigas. Meu querido Alvaro! E pude eu vê-lo partir sem um protesto! Despedaçaram-me o coração.

Alvaro (entre portas ao F. completamente desfigurado. Barba crescida, mas cuidada, feto de marinheiro mercante. Vendo Martha). — Ella! (alto) Martha!

Martha (assustada e indecisa) — Meu Deus! Esta voz! (volta-se e vê Alvaro) Oh!...

Alvaro (avançando) — Não me reconheces?

Martha (indecisa) — Mas... Quem?...

Alvaro — Sou eu, Alvaro. Não o duvides.

Martha — Alvaro! Mas esse rosto...

Alvaro (continuando) — ...Transfigurado pelo soffrimento, aniquillado de tantos sacrificios, mas vivendo sempre com o coração repleto da tua imagem. Sou eu, sim, sou eu. Eu que cumprindo o juramento que te fiz, me apresso a vir recordal-o, se é que ainda mereço ser amado como o fui outr'ora.

Martha (reconhecendo-o) — Será possível! Tu!...

Alvaro — Fita-me bem, vê se n'este rosto macerado pelas agruras que tenho sabido supportar, pelo soffrimento que o meu coração poude acarretar, póde haver qualquer indício visivel pelo qual possas acreditar na minha inesperada apparição. Não me julgues um phantasma.

Martha (cahindo-lhe nos braços) — Oh! sim, sim! E's tu!

Alvaro (cingindo-a) — Eis-me restituído a teus braços, e agora para não mais nos separarmos.

Martha — Mas... Como conseguiste?...

Alvaro — Escuta-me: Depois da minha partida, nem só um momento deixei de pensar n. fuga. Mas, como pôl-a em pratica?... Durante o percurso da viagem, myriades de pensamentos se me avolumam no cerebro. Fugir de bordo em qualquer porto que o vapor tocasse, era caso para fundadas suspeitas, e expôr-me á condemnação militar... Chegámos. Dias depois destacavamos para o interior; decorreram mezes sem que o gentio se sublevasse, até que uma noite fômos atacados de improviso. Foi então que puz em pratica o meu plano, conseguindo fugir, tendo préviamente deixado no campo o chapéu e a espada, para assim passar como morto em batalha, e o meu corpo levado pelos anthropophagos. Caminhei dias e dias consecutivos, sem ter com que mitigar a fome; e ainda mais, sem ter com que saciar a sêde que me devorava. Passei por inexplicaveis agruras, por insupportaveis inclemencias. Ao cabo d'alguns dias, consegui alcançar um pequeno rio, onde pequeninos dongos tripula-

dos por negros, faziam a travessia. Transportado para a outra margem, sentia-me em extremo fatigado; receioso que a coragem me abandonasse, tomei uma resolução. O meu cérebro era um montão de ruínas.. Uma noite, aproveitando o silencio e a escuridão, metti-me n'um dongo, — pequeno barco feito d'um tronco d'arvore. A corrente era forte, e fui arrastado para o vasto Oceano. De repente desencadeia-se medonha tempestade. Sem perder a coragem, dei-me ao sabôr das ondas, luctando, luctando sempre, até que despedaçando-se o pequeno barco, fiquei ao dispôr do acaso, agarrando-me a um pedaço da pequenina embarcação. Foi então que vi abrir-se-me a sepultura! (pausa).

Martha (condoida) — Meu Deus!

Alvaro (continuando) — Já o dia vinha surgindo, quando avistei uma barca que vinha acossada pelo vento... Pedir soccorro era-me impossível.

Martha (recordando-se da carta, com interesse) — Depois?

Alvaro — Depois, graças á minha boa estrella fui visto de bordo a debater-me com as ondas...

Martha (com mais interesse) — Sim, e depois?

Alvaro — Pude então ser salvo, e reconhecer no meu salvador...

Martha (concluindo) — Meu pae, meu pae a quem pediste...

Alvaro — Como o soubeste? Foi elle quem...

Martha — Não! (indo á gaveta buscar a carta que entrega a Alvaro) Foi esta carta quem m'o disse sem que eu advinhasse... (outro tom) E meu pae reconheceu-te?

Alvaro — Não. Teu pae ainda hoje ignora que seja eu. Tive o cuidado toda a viagem de me furtar ás suas vistas (lê a carta).

Martha (comsigo) — E era elle! Oh! porque não advinhei eu logo aquella carta. Quem era aquelle naufrago...

Alvaro — (dando a carta a Martha) Assim foi. Fui forçado a esta inventiva para assim poder reconquistar-te. E agora que me vejo restituído á vida, quero, sem que alguém o saiba, que sejas minha, só minha. E ai d'aquelle que a isso se oppozer!

Martha (ouvindo passos) — Vem gente. Oh! que fazer?

Alvaro (sahindo para uma porta lateral) — Occultar-me-hei aqui.

SCENA VI

Martha, Pedro, Padre Antonio e Alvaro, occulto

Pedro (dando o braço ao Padre como quem recomeça uma conversa) — Pois é verdade, meu bom amigo. Eis-me de novo restituído ao seio amigo e carinhoso. (indo a Martha com meiguice) E esta másinha? Que tal tem ella passado?

Padre — A saude não periga, o mal é todo do coração.

Pedro (afagando-a) — Doença passageira que a minha presença desvanecerá. (a Martha) Não é verdade?

Martha — Aguardava ansiosa o seu regresso.

Padre (baixo a Pedro) — Temos que fallar em particular. (a

Martha) Minha filha! Teu pae esta noite passal'a-ha entre nós. Vae preparar-lhe uma caminha confortavel, como se fôra o teu leito de noivado.

Martha (*não querendo afastar-se*)—Sentia-me tão bem junto d'elle. Queria ouvil-o conversar sobre os motivos da sua viagem.

Pedro (*com carinho*)— Nunca se é desobediente. Eu não saberei. Vá ande, e dê cá um beijinho aqui. (*indica a face*)

Martha (*beijando-o*)— Até já, meu paesinho. (*áparte sahindo*) E elle, se o vêem! (*sae*).

Pedro (*depois de ver sahir Martha, olhando-a com orgulho*)— Estamos sós. (*senta-se*) Que ha então de novidade? (*Alvaro apparece e escuta*).

Padre (*sentando-se*)— Chegaste effectivamente no peor dia para mim.

Pedro (*admirado*)— Porquê?

Padre— Tive hoje uma visita que bastante me impressionou.

Pedro— Quem foi?

Padre— D. Rodrigo. (*espanto em Pedro*)

Alvaro (*áparte*)— Trata-se de meu pae, não percamos uma palavra.

Pedro (*depois de reflectir*)— Esse canalha continua a perseguir-nos?

Padre— Sempre.

Pedro— Quando me lembro d'aquella noite em que ousou transpôr os humbraes da minha porta, sómente para me insultar... E de tal fórma me deixou perplexo que nem tive coragem de o escorraçar como se escorraça um cão. Eu queria fallar e não podia... Oh! nem quero que me lembre.

Padre— Veio aqui hoje propôr-me a condição de ser seu cumplice...

Pedro (*com espanto*)— Que dizes?

Padre (*continuando*)— Visto eu ter annuido com elle, e instado com o ministro para que Alvaro fosse como expedicionario...

Alvaro (*áparte com raiva*)— Foi bom sabel-o, tratante.

Pedro— É que interesse tiveste n'isso?

Padre— Era urgente fazel-o esquecer de Martha.

Alvaro (*áparte*)— Bandido!

Pedro— N'esse caso... (*outra intenção*) Mas...

Padre— Depois de uma troca de palavras, no calor da discussão confessou-me ter sido elle... Oh! que é horrivel! (*levanta-se*)

Pedro (*com interesse*)— O quê?

Padre— O assassino da mãe de Martha.

Alvaro (*áparte, admirado*)— A mãe de Martha!... Meu pae um assassino!

Pedro— Estou deveras enleiado!

Padre— Refiro-me á esposa d'elle, assassino, á mãe de Alvaro... (*cae n'uma cadeira*)

Alvaro (*áparte, intrigado*)— Meu pae o assassino de minha mãe... A mãe de Martha!... N'esse caso...

Pedro (*enleiado*) — Confesso que nada comprehendo. Nunca me revelaste o teu segredo, assim como eu nunca me atrevi a interrogar-te. Por isso...

Padre — Escuta-me. Quando a desgraçada, agonisante, lhe revelava o segredo do seu erro...

Alvaro (*áparte, assombrado*) — O seu erro!

Padre (*continuando*) — Confessando lhe que Alvaro não era filho d'elle, mas sim filho do adulterio...

Alvaro (*áparte*) — Eu! Eu filho d'um crime!

Padre (*comsigo*) — Para que lh'o confessou ella! Para que não supportou esse segredo fatal, até ao ultimo arranco!... (*a Pedro. Outro tom*) Por fim sahii completamente desorientado jurando vingar-se da minha recusa. Ondas de sangue lhe subiram ao cerebro, ameaçando-me de morte.

Pedro — Esse homem é um monstro. (*levanta-se*)

Padre (*dramatico*) — Pedro! Se até hoje não te revelei no todo o segredo em que o meu coração se envolve ha vinte annos, chegou agora a occasião propicia de t'o revelar...

Alvaro (*áparte*) — Que mais irei eu ouvir. Será este homem, de facto um bom...?

Padre — Martha, era o nome d'aquella a quem amei tanto, quanto os anjos amam a Deus! Victima do egoismo paterno, foi ella forçada a desposar esse homem, possuidor d'um titulo e d'uma fortuna por todas as formas invejavel. Seus paes não tiveram pejo, nem repugnancia, em despedaçar o coração d'essa creança entregando-a, isto é, vendendo-a a esse homem. Tinhamos então jurado um ao outro um amor louco! E eu para lhe dar uma prova d'esse amor, entreguei-me ao celibato, e fiz-me servo de Deus...

Alvaro (*áparte*) — Começo a compadecer-me d'este homem.

Padre (*continuando*) — Uma noite em que a chuva cahia torrencialmente, que o relampago fusilava no espaço, e o trovão echoava atroador, fui levado pelo instincto da paixão, pela força da saudade junto do seu solar. Ella appareceu-me. Vi-a, e como um bandido saltei pela janella da sua alcova. Ella cahindo-me nos braços, banhava-me o peito de acrisolado pranto. (*Comsigo*) Que Deus me perdôe... (*outro tom, a Pedro*) Mais tarde quando estava prestes a tomar ordens recebi uma carta sua em que me jurava ser meu o filho das suas entranhas.

Alvaro (*áparte aterrado*) — Elle! Elle meu pae! Oh! que eu eulouqueço.

Pedro (*sentando-se commovido*) — O que é o mundo.

Padre — Foi então que a vida se me tornou ephemera... Quando soube do nascimento d'essa creança, que era meu filho... desejei possuil a. Mas, como?... Poude então saber quem era a sua parteira. Fui junto d'essa mulher, revelei-lhe todo o meu segredo. Pedi, suppliquei, implorei. Implorei-lhe que me trouxesse esse pedaço de carne, sangue do meu sangue. Ella, condoendo-se do meu amor de pae, annuo. Mas para isso era preciso substituir essa creança... Uma noite em que o meu cerebro se debatia nos prós e

contras que podiam advir d'esse raptó... recebo a visita da parteira trazendo-me nos braços o ente desejado, o filho amantissimo.

Alvaro (*á parte*) — Mas...

Pedro — E acaso não tenho eu sabido cumprir como pae, como um verdadeiro pae?

Alvaro (*á parte*) — Ella! E' Martha sua filha!... Mas não comprehendendo...

Padre — Queres-lhe tanto como eu. (*outro tom*) Nunca mais soube da mãe senão no dia da sua morte! E que morte, meu Deus!... Um dia encontrando-me com a parteira, disse-me: Que a creança que substituiu a falta de minha filha morrerá, e que do matrimonio tinha havido um filho. Esse é Alvaro...

Alvaro (*á parte*) — Então Martha é... minha irmã. Oh! comprehendendo agora porque se oppunham...

Pedro — E a quem pertencia a creança que substituiu Martha?

Padre (*com tristesa*) — Creio que a uma das muitas desgraçadas que vagueiam por esse mundo ao acaso, e que afeitas á desgraça não recuam em fazer commercio com a propria carne... E' este o segredo da minha vida, e espero que Deus me auxilie a supportal-o, até que um dia ante a sua presença possa então chamar-lhe, minha filha! Pae! Sel-o-has tu na terra perante os homens. Pae! Sel-o-hei eu no ceu perante Deus. (*põe as mãos*).

SCENA VII

Os mesmos e Martha

Martha — Então, vão lá para dentro, receio tanto estar só. E' noite (*escurece a scena*).

Padre (*a Pedro, baixo*) — Nem uma palavra diante d'ella que possa...

Pedro (*idem*) — Socega, sei bem o que faço.

Padre (*a Martha*) — Vamos, minha filha! (*simulando alegria*) Hoje é dia de festa.

Alvaro (*á parte*) — E de lagrimas.

Martha (*á parte*) — Receio tanto que o vejam.

Padre — Deus partilhará conosco a nossa alegria. (*á parte*) E a minha dôr.

Pedro — Vamos. (*á parte, saindo*) O que é o mundo!

Martha (*á parte*) — Se eu pudesse ficar...

Padre (*a Martha*) — Vamos, minha filha. (*saem*).

SCENA VIII

Alvaro depois D. Rodrigo

Alvaro (*só*) — Será este homem uma creatura excepcional?... (*com tristesa*) Martha, minha irmã! Filha do mesmo ventre! Oh!

como eu receio succumbir... Como a vida d'este homem, d'este padre, de momento se me tornou tão necessaria como a minha propria vida ! Não quero ! Tive mãe, mas não tenho pae... Como tudo desaba sobre mim... (*ouve passos*) Vem alguém. (*occultado-se*) O cerebro estala-me ! (*occulta-se*).

D. Rodrigo (*entre portas ao F. embuçado correndo a vista por toda a scena*) — Ninguem ! Bello ! (*entra*) Tudo me é favoravel. (*A meia scena*) Agora tu, sacerdote asqueroso. Veremos se a mão de Deus se opporá a que me caías nas garras...

Alvaro (*á parte ameaçador*) — Assassino !

D. Rodrigo (*rindo com sarcasmo*) — Ah ! ah ! ah ! Quereis guerra ? Pois bem. Tel-a-has... Aqui me tens ao teu dispôr; mas d'esta vez, se não annuires, não te valerá a hypocrita invocação d'aquelle Christo. (*aponta para o Christo*) Cabe-te a vez, visto que te revoltas contra aquelle a quem devias humilhar-te... O filho ! Esse acabo de saber que foi morto em combate...

Alvaro (*á parte*) — Ainda não !

D. Rodrigo — Eis-me liberto d'esse obstaculo vergonhoso. Poupei-me assim a mais um crime.

Alvaro (*apparecendo*) — N'esse caso, serei eu quem me não pouparei a isso.

D. Rodrigo (*aterrorisado, levando a mão ao seio como segurando qualquer objecto*) — E quem é que assim falla tão arrogantemente ?

Alvaro — Advirto-lhe que falle mais baixo. Será bom que ninguem nos oiça.

D. Rodrigo (*afirmando-se*) — Mas...

Alvaro — Ponha de parte as reticências, e sem grande esforço de memoria, reconhecer-me-ha.

D. Rodrigo (*reconhecendo-o e recuando*) — Elle ! (*avança, Alvaro oppõe-se*) Oh ! maldito sejas, espectro vil e aterrorisador, que pretendeis embargar-me o passo. Eu te esconjuro !

Alvaro (*com arrogancia*) — Deixe-se de phantasticas illusões, e responda-me com clareza. O que pretende d'esta casa ?

D. Rodrigo — E és tu, imbecil, quem se atreve a interrogar-me ?

Alvaro — Eu mesmo. Que na falta d'outro lhe ordeno que saia. (*aponta-lhe a porta*).

D. Rodrigo (*furioso*) — Forças-me a um crime...

Alvaro — Não seria a primeira vez que as suas mãos se manchavam de sangue. Se me deseja poupar a que vingue a morte de minha mãe, saia.

D. Rodrigo (*á parte*) — Sabe-o ! (*recorda-se*) Ah ! foi o padre ! Maldito !

Alvaro — Vamos ! Saia !

D. Rodrigo — Pois atreves-te, quando devia ser eu quem te devia expulsar ! Tu que só vives para deshonra e descredito do meu nome ! (*com raiva*) Bastardo !

Alvaro (*arrogante*) — Seja-o, saia !

D. Rodrigo (*puzando do punhal*) — Olha que te habilitas a morrer. (*crece para Alvaro*).

Alvaro (com serenidade, apontando um revolver)— Ou a matal-o.

D. Rodrigo (recuando) — Atraves-te...

Alvaro — Não me atrevo, defendo-me apenas.

D. Rodrigo (áparte, sahindo) — Não te perderei o rasto. (alto ao F.) A justiça militar te punirá (sae).

SCENA IX

Alvaro e Martha

Alvaro (só, depois d'ir ao F. e vê D. Rodrigo afastar-se) — Preciso salvar este padre e espionar este de quem a fatalidade me fez filho, ou bastardo. O padre é a suprema luz da minha desforra. Só elle poderá desvendar as trevas do mysterio em que me envolvo.

Martha (espreitando e vendo Alvaro. Com contentamento) — Alvaro!

Alvaro (áparte) — Ella! (alto com tristeza) Martha!

Martha — Podemos conversar. Deixei-os entregues á monotonia das suas palestras.

Alvaro (com magua) — Martha! Minha querida Martha! Entre nós abriu-se um vacuo profundissimo em que me despenho instante a instante. E' urgente que nos separemos até ao dia em que a luz de toda a verdade aclare nossas almas n'uma aureola mais fulgurante, que aquella que ora nos illumina.

Martha (enleada e extranhando o) — Mas, que foi? Que succedeu?

Alvaro (com magua não querendo desvendar) — Nada.

Martha — Não te mereço uma revelação? Não confias em mim?

Alvaro (a custo) — Não!

Martha (supplicante) — Porque me trata assim? Porque me torturas?

Alvaro — Por. . . por nada.

Martha — Oh! meu Deus, sou muito desgraçada.

Alvaro (contendo as lagrimas) — Adeus! (vae a sahir).

Martha (agarrando o) — Oh! não! ..

Alvaro (commovidissimo) — Oh! Deixa-me! (áparte) Como isto é doloroso. (alto) Adeus! (quer desembaraçar-se).

Martha (segurando o) — Oh! não! Não quero!

Alvaro — E' urgente sahir d'esta casa.

Martha — Diz-me ao menos, até quando?

Alvaro — Até. . . Até um dia!

Martha — Quando voltarás?

Alvaro (desembaraçando-se lhe dos braços) — Nunca!... Adeus! (sae precipitadamente).

Martha (seguindo-o de braços estendidos) — Oh! não!... Não quero! Não! Não!... Não!... Não!... (cae n'uma cadeira ao F. chorando convulsivamente).

FIM DO 2.º ACTO

ACTO III

(A mesma scena do segundo. Ao F. sobre uma cadeira está o chapéu e a bengala do doutor)

SCENA I

Padre Antonio e Doutor

Padre (*sentado, em profunda meditação*) — Tudo se vae desmoronando lentamente, como um velho castello em ruinas.

Doutor (*entrando da E. A. e approximando-se do Padre*)— Então reverendo, não desespere.

Padre (*com anciedade*) — Então doutor?

Doutor — O mal provém do coração. Em todo o caso, embora o seu estado affecte tranquillidade, sempre é melhor prevenir do que remediar. Um pouco de repouso fará com que ella recobre forças.

Padre — O doutor dá-me uma esperança...

Doutor — Não sou dos mais prodigos em afirmar futuras sequencias. Todavia não receio prognosticar o bom exito da doença. O mal foi apenas uma commoção violenta alternada com a fadiga do cerebro, e isso deu causa aquelle abatimento. E em taes casos a sciencia pouco ou nada tem a fazer. Estas doenças são frequentes em edades d'estas.

Padre — Posso confiar na sua palavra?

Doutor — Inteiramente.

Padre — A vida não periga?

Doutor — Uma commoção mais violenta póde derrubal-a. Um corpo tão debil certamente não poderá acarretar com repetidas commoções. Sou de parecer que após o repouso, para que ellas se não repitam, ou quando se repitam, seja com menos intensidade... seria bom fazel-a passeiar, procurar-lhe distrações, emfim, fazel-a esquecer. Quando não fôsse no todo, pelo menos em parte.

Padre (*com tristeza*) — Tudo méras supposições.

Doutor — Que quer. O nosso dever é evitar que o mal se prolongue fazendo por o minorar. Mas em doenças d'esta natureza são baldados os nossos soccorros, e... só de Deus depende o resultado.

Padre (*pondo as mãos*) — Confio n'elle.

Doutor (*áparte*) — Se eu podesse aproveitar o ensejo e revelar-lhe...

Padre (*apertando-lhe a mão*) — Perdôe se o fui estorvar nas suas visitas. Mas, é que vendo-a tão subitamente prostrada, o que me occorreu foi mandar chamar o primeiro facultativo e como o con-

sultorio de V. Ex.^a dista d'aqui meia duzia de passos, por isso...

Doutor (*interrompendo-o*) — Em taes circumstancias o nosso dever é desattendermos aos que consideramos menos perigosos, e acudirmos áquelles de quem a vida e o estado nos reclamam momentaneamente. Por isso não tem que me pedir perdão. Eu cumpri como medico, o reverendo cumpriu como...

Padre (*atalhando-o*) — Como... amigo carinhoso que o sou.

Doutor (*titubeando*) — Perdão! Agora sou eu quem lhe diz: Perdão... O Reverendo cumpriu como... como pae.

Padre (*admirado*) — Que diz doutor? Cumpri...

Doutor — Como pae, repito.

Padre (*áparte*) — Como o sabe elle? (*alto*) Está certo do que diz, doutor? (*aperta-lhe a mão com sentimento*).

Doutor (*com bondade*) — Certissimo. Conheço de ha muito o seu segredo. E se nunca me atrevi a revelar-lh'o, era porque as nossas relações eram... ou por outra, não eram nenhuma.

Padre — E como o soube?

Doutor — Attenda...

Padre (*olhando em roda*) — Um momento apenas. (*vae certificar-se á E. A. se o pôdem ouvir. Descendo*) Diga.

Doutor — Foi minha esposa quem m'o revelou. E um dia quando passavamos em certa rua, ponde ella dizer-me, apontando para o reverendo: Lá vae elle...

Padre — Sua esposa!?

Doutor — E' verdade.

Padre — Mas... Sua esposa como o soube?

Doutor — Segredos da sua profissão.

Padre (*mais admirado*) — Da sua profissão!?

Doutor — Assim é. Minha esposa chamava-se D. Maria da Nazareth Lagos, e tinha a profissão de parteira...

Padre (*áparte*) — Comprehendo agora.

Doutor (*com tristeza, continuando*) — Digo chamava-se, porque já não existe.

Padre — Morreu?

Doutor (*com magua*) — Morreu, legando-me o encargo de lhe confessar...

Padre — Que Deus lhe leve em conta de seus peccados o bem que me fez.

Doutor — Foi n'uma supplica commoventissima que o reverendo a incumbiu de...

Padre — Não prosiga, doutor... Desejoso de possuir essa creança, de acariciar um filho, solicitei d'ella esse rapto...

Doutor (*atalhando*) — Rapto que ella não poz em pratica.

Padre (*enleiado*) — Não!...

Doutor — A creança que lhe foi entregue, e que eu advinho ser a que se definha n'aquelle leito, não é a que acredita ser.

Padre (*como louco*) — Oh! por Deus doutor! O que acaba de dizer veio profundamente ferir o meu coração de pae.

Doutor — Ouça: Minha esposa, incapaz de commetter a cruel-

dade de ir pelas suas proprias mãos arrancar o filho legitimo aos braços de sua mãe, dando-lhe em troca um outro, que não era o seu... mas condoída do seu amor de pae, diligenciou tanto quanto lh'o permittissem as forças, attender aos seus rogos, sem negar á mãe o seu verdadeiro filho, e o seu amoroso titulo. Para isso procurou, como era facil á sua profissão, encontrar uma mãe, entre as muitas que abundam por esse mundo, que não tivesse repugnancia ou escrupulos em dar-lhe o filho, assegurando-lhe para este um futuro mais prospero e risonho, do que aquelle que ella lhe podia legar em face da sua difficilima situação, e da sua má vida.

Padre (*com interesse*) — Depois ?

Doutor — Possuir essa creança não lhe foi tarefa difficil, e uma vez de posse d'ella, veio trazer-lh'a como sendo o seu verdadeiro filho.

Padre (*segurando a cabeça*) — Oh ! meu Deus ! Enganado !... E ella ! Ella uma engeitada ! Mas então o meu filho, esse morreu ?... Oh ! (*cae n'uma cadeira apoiando a cabeça entre as mãos*).

Doutor — Creio que não morreu. Vive ainda.

Padre (*levantando-se*) — Vive ?... Mas como pôde viver, se foi sua propria esposa quem me informou que a outra creança tinha morrido. E essa ! era então, o meu verdadeiro filho ! Oh ! meu Deus !... (*cae n'uma cadeira*).

Doutor — Posso assegurar-lhe que vive. E esse, creio ser o unico filho que existe.

Padre (*levanta-se*) — Existe de facto um. Mas, esse é filho do matrimonio.

Doutor — Do matrimonio nunca existiu algum, senão para si ; sómente para não suspeitar do que se passou.

Padre (*pensando e gesticulando*) — N'esse caso... Alvaro é... E' meu filho !... (*transição*) E ella ! Oh !...

Doutor — Assim o creio tambem. (*outro tom*) E agora estou certo que perdoará a minha esposa, conscio de que o que praticou foi apenas um acto humanitario, não roubando á mãe o seu legitimo filho, e dando-lhe a si uma filha que tem sabido amar, e que espero continuará amando. Foi ella que no ultimo momento da sua vida me pediu que lh'o revellasse, e eu buscava apenas um pretexto para isso.

Padre (*comigo*) — Elle ! Elle, meu filho ! E eu que cheguei quasi a duvidar ante a revelação d'aquelle a quem tem como pae ! (*ao cfo*) Martha ! Perdôa ! Agora que me restitues o filho querido fortalece o meu coração para que continue a amar esse ente igualmente querido, e que tem sido o idolo da minh'alma.

Doutor — Deus assim o permittirá.

Padre — Meu bom e excellente amigo. Já que o acaso o escolheu para desvendar-me esse mysterio em que ha tanto anno me envolvo, aceite como penhor de tão feliz coincidência os maiores protestos da minha estima, da minha eterna amisade. (*apertam as mãos*).

Doutor — Oh ! meu bom reverendo. E para ella, para a sua alma lhe solicito perdão.

Padre — Oh! sim. Eu lhe perdôo, e Deus a abençoará.

Doutor — Por agora permitta que me retire. Os meus clientes...

Padre — Oh! a sciencia não admite embargos. Deus lhe pague o bem que me ha feito. (outro tom, apontando para o quarto de Martha) E ella?...

Doutor — Apesar de se tornar superflua a minha presença, prometto vir amanhã.

Padre (com bondade) — Só amanhã?

Doutor (comprehendendo) — Perdôe. Virei todos os dias. (cumprimtando) Reverendo...

Padre (o mesmo) — Meu caro doutor...

Doutor (pegando no chapéu e bengala, correja ao F.) — Até amanhã. (sae).

SCENA II

Padre Antonio, depois Alvaro

Padre (só, depois de vêr sair o doutor) — Como eu n'este momento receio succumbir entre a alegria e a desolação...

Alvaro (entre portas) — Elle.

Padre — D'um lado, a alegria que me invade por tão milagrosa revelação... D'outro, a tristeza que me anniquilla por vê-la soffrer. Resta-me como premio ao seu commoventissimo penar, o poder-lhe restituir o amor d'Alvaro.

Alvaro (á parte) — Ouviria eu bem.

Padre — Alvaro, meu filho! Elle, o meu desejado filho!

Alvaro (á parte) — Sou effectivamente seu filho...

Padre (recorda-se com tristeza) — Mas como podêl-o abraçar! Podêl-o possuir! Como resga'al o a deportação a que foi condemnado? Condemnado por mim! Por seu legitimo pae!

Alvaro (descendo) — Aqui me tendes ao vosso dispôr.

Padre (voltando-se assombrado) — Meu Deus! Que vejo! Elle!... Oh! não, não pôde ser!

Alvaro — Não duvideis, sou eu, Alvaro.

Padre (fitando-a) — Será possível? Mas...

Alvaro — Eu que dia a dia tenho seguido vossos passos, com a mais rigorosa espionagem, em busca dos culpados.

Padre (atalhando) — Porque vós mereço odio? Porque me espionaes?

Alvaro — Aguardae resignado o terminus de tudo que tão aleivosamente nos rodeia.

Padre (á parte) — Saberá elle? (alto) Confio em Deus e na sua infinita misericordia.

Alvaro — Eu apenas confio em mim, e na razão do futuro que ora começa a desenrolar-se diante da minha consciencia, outr'ora tão revoltada, mas que hoje aguarde com serenidade as conclusões. E' tempo de punir os delinquentes, e amar os que são dignos.

Padre — Assim o espero.

Alvaro — Agora dae-me permissão para que me ausente. Vim aqui, repito, para vos vigiar e defender. Se me atrevi a apparecer-vos, foi para que ficasseis sciente de que ainda vivo, e que bem proximo estou de quem amo, e de quem odeio, até á consumação dos factos. (*sae arrebatadamente*).

SCENA III

Padre Antonio (*só*)

Padre (*vendo o sahir*) — E não tive coragem para o deter, para lhe dizer: Sou eu, eu o teu verdadeiro pae. E's tu, o meu querido e idolatrado filho. O filho d'aquella santa, a quem o destino tão barbaramente condemnou... Meu filho! (*saindo*) Meu querido filho!... (*sae*).

SCENA IV

Estopa (*só*)

Estopa (*entre portas ao F. muito apressado*) — Dá licença, capitão?... (*olhando a scena*) Não está ninguém na coberta. (*outro tom, gingando*) E' o mesmo, penetro. (*pausa*) Tenho andado ha uns dias para cá a matutar n'aquelle naufrago que trouxemos a bordo, e não sou capaz de atinar. O que é certo, é que já vi aquelles olhos n'outra cara... (*pensa um bocado*) Isso sim, não vae lá. (*outro tom*) Bem, tomemos outro rumo. Esperarei aqui o capitão. (*senta-se*) Deus queira que não esteja cá o padrecá; embirro com esses gajos. (*bate no peito*) Que não desfazendo, este é bem boa pessoa. E' uma cara unhasca. (*levanta-se bamboleando-se*). Ah! que bella noite eu passei hontem; naveguei a todo o panno que foi uma belleza. Foi uma noite em cheio. Fartei-me de dar aos *catrunhos*, (*indica os pés*) mas gosei. Bebi as minhas pinguinhas, mas não deitei carga ao mar. Lá por alta noite, metti-me por terra dentro, fiz prôa ao bairro *bife* e abordei a uma fragata toda *pachola*. Foi sempre a andar. (*dá um estalo com os dedos*) Procurámos abrigo e toca a *choinar*. (*gesto de dormir*) Só de manhã é que levantei ferro. Metti lastro, (*gesto de comer*) e fiz rumo a este porto. Eu só tinha licença até ás dez... mas... Ora adeus, o marinheiro quando põe o pé em terra, o que quer é *chalar-se*. Não querias. Farto de mar ando eu. E o que se quer é... (*faz uma escovinha, assobia por entre os dentes, carregando no P.*) Parodia. Pois intão comié?

SCENA V

O mesmo e Pedro

Pedro (*da E. A. muito triste*) — Estás ahí? (*senta-se*).

Estopa (*áparte, olhando o capitão*) — Estou a extranhar-lhe a

carranca. A modos que ha vendaval cá por casa. (*alto*) Fiz-me de véla até cá, posso ser preciso.

Pedro — Como estão as coisas a bordo ?

Estopa — Está tudo na *brôa*. Alija-se o lastro.

Pedro — Has-de ir a bordo prevenir o piloto de que hoje não vou a bordo.

Estopa — E' para já. (*saindo*) Larga ! (*faz uma escovinha*) Na ponta da unha. (*sae*).

SCENA VI

Pedro, depois Padre e Martha

Pedro (*só*)—Mas como e porque tão repentinamente se manifestou aquelle mal estar ? Pobre filha ! Que Deus estenda sobre ella a sua divina mão, fortalecendo-a e debellando o que tanto e tanto lhe atormenta a vida.

Padre (*amparando Martha e ajudando-a a sentar-se*) —Vamos, minha filha ! Tenta recobrar as forças tão prematuramente extintas.

Pedro (*indo ao seu encontro e ajudando-a a sentar-se*) — Olha para mim ! Fita bem este rosto crestado pelo sol dos mares, a palidez que n'este momento o assalta, a maceração do martyrio, vendo-te soffrer. Affasta d'esse pequenino cerebro tudo que o possa despedaçar, ideias que tão subitamente o infestam. Sou eu que t'ó peço, eu, que partilho da tua pungentissima dôr.

Martha (*a custo*) — Oh ! como eu desejaria morrer.

Padre — Então, para que desejas abreviar o que só a Deus compete executar ?

Martha (*com-igo*) — Se elle voltasse...

Padre (*áparte afastando-se*) — Só elle a pôde salvar. Oh ! como eu desejava n'este momento poder dizer-lhe: Sim, é teu. Sou eu, seu pae quem t'ó restitue... Mas o seu estado... Se a dôr mata, a alegria tambem pôde matar.

Pedro — O medico recommenda-te repouso, tranquillidade, e sobre tudo distração.

Martha (*tristemente*) — Distração !

Padre (*indo a Martha*) — Não desesperes. Sê, como sempre tens sido, muito amiguinha de teus paes. Eu te restituirei, com o auxilio de Deus, o que o teu coração tanto anceia.

Martha (*desconfiada*) — Elle veio ?

Pedro (*áparte afastando-se*)—Sempre aquella ideia. E é aquelle amor que a mata ; e a sua morte, será a minha... (*fica pensativo*).

Padre (*a Martha*) — Um dia virá. Um dia cabirá nos teus braços, e então poder-lhe-has chamar...

Martha (*atalhando*) — Meu, só meu !

Padre — Quem sabe... Que Deus o designe.

Martha (*desconfiada*) — Viu-o ? Fallou lhe ? Oh ! sim, adivinho-o !... (*desmaia*).

Padre — Socega... (*vendo-a desmaiada*) Jesus!

Pedro (*indo a Martha*) — Minha filha! Minha idolatrada filha!...

Padre — Ajuda-me, Pedro. Ajuda-me a reconduzir-a para o seu quarto. (*saem levando Martha amparada*)

SCENA VII

D. Rodrigo *depois* Alvaro

D. Rodrigo (*entre portas ao F.*) — Eis-me novamente em campo, mas d'esta vez com mais segurança. Até que enfim. Como o acaso pode mais que as pesquisas... E foi elle. Este padre malcoito! Este despota incorrigivel, quem tão miseravelmente!... (*cerrou os punhos e puxa d'uma carta*) E ponde este rascunho conservar-se intacto durante tanto tempo sem que eu podesse havel-o ás mãos... (*amarrota a carta e ameaça*) Bandido!

Alvaro (*ao F. á parte*) — Não te perderei de vista.

D. Rodrigo — Que venha agora o filho oppôr-se á minha vontade... Miseraveis!... E foi este sotaina infame e gangrenoso quem... Oh!... Elle, o pae d'esse imbecil que tão escandalosamente herdou o meu nome. (*outro tom*) Esta carta será a tua sentença de morte...

Alvaro (*á parte*) — Uma carta!

D. Rodrigo — O filho que te pertence que venha arrancar-te ás minhas garras. Porque então... Ai d'elle!

Alvaro (*á parte*) — E' certo? O padre é... meu pae! Oh! eu o salvarei (*oculta-se*)

D. Rodrigo — N'esta carta annunciava-lhe ella o nascimento d'esse vil usurpador do titulo dos meus antepassados... Morrerás como um abutre que és... Pagarás como ella a ignominia a que me condemnaram. (*ouve passos*) Vem gente... (*olha para fóra com colera*) Elle!... (*ocultando-se*) Aguardarei a sua apparição.

SCENA VIII

D. Rodrigo, Padre Antonio e Alvaro (*oculto*)

Padre (*da E. A. muito acabrunhado*) — Apoz a syncope veio o espasmo que quasi a prostrou. Comtudo deligenciaemos extinguil-o promptamente. Oxalá ella possa conciliar o somno (*indo joelhar deante da imagem de Christo*) Senhor! velae por ella! Velae por ambos! Velae por nós! Mais uma vez venho ante a vossa veneranda imagem, como servo humilde, obediente e cumpridor, solicitar a vossa misericordiosissima bondade. Que uma gotta do vosso sangue vertido em prol de nós, venha desde já orvalhar nossas almas, repellido d'ellas, a dôr pungentissima que a prostrou, e que nos esfaclera constantemente. Senhor! Ouvi meus rogos!...

D. Rodrigo (*avançando por detraz do padre depois d'uma gargalhada surda*) — Ah! ah! ah!... Oh! putrida creatura!

Padre (*levantando-se aterrorisado*) — Elle!

D. Rodrigo (*com escarneo*) — Eu, sim. Eu, a quem tu n'este momento empestas com teu halito peçonhento, este peito cioso da sua honra, do seu brio, da sua dignidade! (*com desprezo*) Roga a esse Christo! Vê se elle poderá descer d'essa cruz carcomida,—como carcomido está o seu corpo — para te livrar da punição. Vê se elle te poderá occultar no seu seio, oppondo-se a que caia sobre a tua cabeça amaldiçoada a pena merecida. Sou eu, que v'inho pedir-te contas do teu odioso crime... Podia ferir-te quando hypocritamente ajoelhado ante esse Christo, ante essa imagem velha e carcomida pôdre e carunchosa...

Padre (*atalhando o*) — Cala-te, vil atheu!

D. Rodrigo (*rindo com sarcasmo*) — Ah! ah! ah!... Como são bem feitas as vossas aviltantes e estudadas recriminações! (*outro tom continuando a fallar como acima*) Mas como não sei ferir pelas costas, como os poltrões... Ordeno-te que faças o acto de contricção, porque chegou o teu ultimo momento. (*puza do punhal e prepara-se*).

Alvaro (*á parte*) — Veremos sobre quem cahirá o castigo. (*oculta-se*)

Padre (*á parte*) — Oh! meu Deus! Serei victima nas mãos d'este homem?...

D. Rodrigo — Vamos, eleva as mãos ao céo. Solicita do teu Deus perdão para as tuas culpas. Que o seu poder faça com que não caias a meus pés...

Padre (*encarando-o com serenidade e abrindo os braços, deixando o peito a descoberto*) — Pois bem. Fere! Fere este peito sem mácula, archivo de innumeradas saudades, cofre de tantos infortunios. Rasga a pedaços a carne de que careces para alimentação da tua vingança. Lava no sangue do amor que tão nefandamente me usurpaste, e em que eu durante quasi meio seculo me definho dia a dia, a nodoa que condemnas por vergonhosa. Lava no meu sangue as mãos já tintas no sangue d'ell! Estou preparado para morrer. Nem um só gesto me fará recuar ante a arma homicida que n'este peito pretendes cravar. Que não te demova do teu intento as palavras que prefiro. Sirvam ellas de atago e de refugio á minha consciencia, n'este momento tão tranquilla... (*com mais força*) Sirvam ellas de incitamento á sêde que te devora e te incita a ferir, rasgar, despedaçar. Podia n'este momento condemnar-te ao ultimo exorcismo, mas tal não farei, e... (*erguendo as mãos ao ceu*) Que Deus te perdõe...

D. Rodrigo (*exasperado*) — Basta!... Se julgaes com a tua repugnante doutrina fazer-me recuar, enganas te porque... (*avança*) E' tempo. (*vae sobre o Padre. Este fica immovel*)

Alvaro (*agarrando D. Rodrigo e arremessando-o para o outro lado da scena*) — Ainda não!

D. Rodrigo (*á parte*) — Oh! Maldito!...

Padre (*a Alvaro*) — Que Deus vos pague o que acabaes de fazer.

Alvaro — Actos d'estes não merecem recompensa. Cumpri com o meu dever arrancando o algoz de sobre a sua victima . .

D. Rodrigo (*ameaçador*) — A tua ousadia será punida severamente.

Alvaro — Está convicto do que diz ?

D. Rodrigo (*com sorriso cynico*) — Loucos, que nem sequer medis o abysmo que cavaes, e onde eu vos despenharei.

Alvaro — Vejo perfeitamente que não é um criminoso vulgar. Mata por instincto maldoso. É' emfim a sanguesuga putrida e faminta, que exausta de sentimentos humanos, pretende nutrir-se do sangue do seu semelhante, sem se lembrar sequer, que um ser, dotado de melhores sentimentos, podia surgir e derrubar o na senda criminosa que ha muito trilha... É' tempo de lhe arrancar a mascara. Não é a voz do sangue que n'este momento me impelle a damnificar os seus barbaros e audaciosos fins. Mas sim uma razão mais forte, e que decerto havia esquecido. Parta e diga ao mundo inteiro que o bastardo lhe poupou a vida, quando salvava de sob a lamina aguçada do seu punhal a vida de seu legitimo pae...

Padre (*áparte admirado*) — Sabe-o !

Alvaro (*continuando*) — Diga ao mundo inteiro que nunca partilhei do sangue de tão sordida creatura !...

D. Rodrigo (*atalhando com rancor*) — Oh ! é demais. O odio que em mim de ha muito alimento acaba de cavar n'este peito sedento de vingança como que uma cratera, que na mais intensa erupção vomita a lava que os ha-de envolver a ambos, fazendo-os submergir.

Alvaro — E quem lhe diz que não seja essa cratera o precipicio em que ha-de confundir-se? Quem lhe garante que não seja hoje o ajuste de contas ?

D. Rodrigo (*rindo com zombaria*) — Fracos, que nem sequer podem avaliar o fim que os espera.

Alvaro — Basta de irrisão, vil sicario !

D. Rodrigo (*ameaçador*) — Previno-te de que nem mais uma palavra soltes porque te perdes.

Alvaro (*arrogante*) — E' inutil o aviso. Nunca recuei ante um cobarde !

D. Rodrigo (*cego de raiva vae sobre Alvaro para lhe cravar o punhal*) — Oh !

Alvaro (*luctando, defende-se e desarma D. Rodrigo*) — Ah ! Villão. (*empurra-o*)

D. Rodrigo (*caindo apoia-se sobre uma das mãos. A'parte*) — Ah ! inferno que me abandonas !

Padre (*áparte*) — Meu Deus ! (*alto a Alvaro*) Meu filho !

Alvaro — Meu pae ! Deixe-me ir até ao fim.

D. Rodrigo (*levantando-se, áparte*) — Não perdem pela demora.

Alvaro (*a D. Rodrigo*) — Podia, e devia esmagar-te n'este

momento. Não o faço, porque não possuo os teus instinctos. E agora que a tua presença me impressiona em demasia, é com impaciência que aguardo a tua desaparição. (*com tédio arremessando-lhe o punhal aos pés*) Oh! vae-te creatura infectuosa e horripilante. (*indica-lhe a saída*) Sabe!...

D. Rodrigo (*indo a sahir*) — Não tardará que sobre as vossas amaldiçoadas cabeças venha a mais terrível sentença de morte.

Alvaro (*querendo avançar*) — Oh!...

Padre (*segurando-o*) — E' teu pae quem te supplica.

D. Rodrigo (*rindo a gargalhadas largas e apontando para elles com escarneo. Aparece Estopa ao F.*) Ah! ah! ah!... Pae e filho. Ah! ah! ah!... (*vae a sahir*)

SCENA IX

Os mesmos e Estopa

Estopa (*que reconheceu D. Rodrigo detendo-lhe a sahida*) — Faça alto, meu fidalgote. (*espanto geral*).

D. Rodrigo (*admirado, querendo sahir*) — Que pretende de mim, baixa creatura?

Estopa (*empurrando-o para dentro da scena, puzando as calças e empertigando as pernas*) — Baixa ou alto, isso é questã de craveira. Pois fique sabendo o meu rico senhor que eu nunca o perdi de vista. Conheço-o ha um bom par d'annos, e só agora tenho o prazer de chegar á falla.

D. Rodrigo — Acaso sabes com quem estás fallando?

Estopa (*com arrogancia*) — Muito bem. Estou fallando com um grande tratante.

D. Rodrigo (*ameaçador*) — Insolente!

Estopa (*começando a riscar*) — Que é lá isso então? Tome outro rumo, senão pôde encalhar... (*bate no peito*) n'esta rocha.

Padre (*a Estopa*) — Conheces esse homem?

Estopa — Saiba vossa irreverendissima que muito bem. (*indica os olhos*) Com estes dois pharoes, não receio enganar-me. Eu lhe conto a historia. Mas primeiro... (*vae fechar a porta ao F.*) Isto é cá por coisas.

D. Rodrigo (*á parte, com raiva*) — Que me quererá este imbecil...

Estopa (*á parte, encarando Alvaro*) — Cá está elle. Mas que cara tão parecida com... (*pensa*)

Padre — Falla então, meu rapaz.

Estopa — A historia é pequena. Tive uma irmã... Digo tive, porque ignoro se ainda a avêso. Era uma rapariga toda catita, forte como um navio de guerra, airosa como um hyate de recreio. Um dia appareceu-lhe aquelle *sujecinho* ..

D. Rodrigo (*á parte*) — Maldito!

Estopa — Que depois de diversas abordagens, deu-lhe a entender que *avesáva téca*. (*signal de dinheiro*) As mulheres o que quérem

é massa, e por isso se deixam ir na enxurrada. (*apontando para D. Rodrigo*) Elle que o que queria era... digo eu cá isto, depois de ter abusado da sua honra, abandonou-a..

D. Rodrigo (*com raiva*) — Calla-te, imbecil!

Estopa (*a D. Rodrigo*) — Espere. (*outro tom*) Dando-lhe como premio da sua obra, um filho..

Alvaro (*áparte*) — E' abominavel!

Estopa — Meu pae, que era de cabellino na venta, quando o soube, disse-lhe: (*imita voz grossa*) Vae-te, não és minha filha! (*natural*) Ella coitada, não teve outro remedio senão pedir soccorro ao primeiro que lhe apparecesse. Appareceu-lhe uma mulhersinha que a levou para casa, e valeu lhe bem porque demais a mais era parteira ..

Padre (*com surpresa*) — Parteira!

Estopa — E foi essa mulher quem tomou conta do petiz... Petiz ou petiza, que eu nunca vi. Ora aqui está porque eu desejo dizer um segredinho áquelle marau..

Alvaro — Infame seductor, revê te nas tuas obras.

D. Rodrigo (*a Estopa*) — Mentas, miseravel! (*avança*)

Estopa (*puxando d'uma navalha que abre*) — Não caia para cá que póde fazer algum rombo no casco...

Padre (*com repugnancia*) — E' Martha sua filha. Ella! Filha d'um... Oh!...

D. Rodrigo (*áparte*) — Martha!

Alvaro (*admirado*) — Martha!

Estopa (*sem perceber*) — Martha! (*olha para Alvaro*) Mas que raio de cara tão parecido com... (*fica-se a pensar*).

SCENA X

Os mesmos e Pedro

Pedro (*entrando e vendo D. Rodrigo*) — Aquelle homem aqui!

Padre — Martha! A minha querida Martha, filha d'um assassino.

Pedro (*ao Padre, assombrado*) — Que dizes, homem?

Estopa (*áparte*) — Valha-me um salva vidas se percebo alguma coisa. (*outro tom*) Mas aquella cara...

Padre (*a Pedro*) — Martha não é nossa filha. É filha d'aquelle sicario.

Pedro (*admirado*) — Que me dizes... (*vendo Alvaro*) Que vejo...

Estopa (*recordando-se*) — Ah! já sei. E' o senhor Alvaro.

Pedro (*encarando o*) — Pois o naufrago que eu trouxe a bordo é... Alvaro?

Alvaro — Capitão. Devo-lhe a vida.

D. Rodrigo (*áparte*) — Já sei o que me resta fazer.

Estopa (*á parte*) — O raio da barba é que me não deixava ver o resto. (*a D. Rodrigo*) Temos que conversar lá fóra.

Pedro — Oh! meu Deus! Que serie de coincidencias. (*a D. Rodrigo*) Se o acaso lhe descobriu a filha que engeitou, nem por isso será capaz de m'a arrancar dos braços.

Alvaro (*a D. Rodrigo*)—Agora que todos os teus nefandos crimes estão postos a descoberto, resta-nos como premio da tua hedionda malvadez o sabermos amar-nos com o justo amor que nos é dado gosar n'este ambiente ante a felicidade que merecemos, sacudindo o que de mau haja n'elle. Sae! (*indica-lhe a sahida*)

Estopa (*abrindo a porta*) — Saia, e... até á vista. Eu não me esqueço.

D. Rodrigo — Tenho uma filha! Pois bem, quero mostrar-lhes que nem só o odio se abriga no coração que possuo. No suicidio encontrarei castigo para as minhas culpas, e em minha filha a herdeira do meu nome e da minha fortuna! (*sae arrebatadamente pelo F.*)

Estopa — Deus queira não te arrependas.

Alvaro — Eis-nos libertos do maior obstaculo. (*ao Padre*) Meu pae, accete a minha estima e a minha dedicação.

Padre (*abraça-o*) — Oh! meu querido filho!

Pedro — Então, Alvaro! (*fica pensativo*)

Padre — E' meu filho!

Estopa — Eu é que não percebo nada.

SCENA XI

Os mesmos e Martha

Martha (*entre portas muito pallida sustendo-se a custo de pé*) — Pareceu-me ouvir a sua voz. (*vendo o*) Oh! meu querido Alvaro! (*abraçam-se*)

Alvaro — Minha querida Martha!

Padre (*entre ambos*) — Eu os unirei, e Deus os abençoará, e assim saberei eu arrepender-me na felicidade, que abrangendo-me n'este momento, restitue a vida a dois entes tão merecedores da minha afeição. (*indo a Pedro, baixo*) Nem uma palavra, diante d'ella, do que se passa. Receio que o seu espirito succumba ante o que se desenrola.

Pedro (*com tristesa indo sentar-se*) — Já tudo esqueci.

Estopa (*á parte*) — Ora espera, se Martha é a filha d'esse patife... E' ella a filha da minha desgraçada irmã... E n'esse caso é... minha sobrinha... (*com contentamento*) Ai que vontade eu tenho de lhe finfar uma beijoea.

Padre (*a Martha*) — Aqui o tens. E agora para sempre junto de ti. Chama-lhe teu esposo. (*apresentando-lhe Alvaro*)

Martha — Oh! sim, sim. Não m'o roubem, não o afastem de mim. Quero têl-o sempre junto do meu coração. (*abraçam-se*)

Pedro (*á parte pensativo*) — Só, completamente só !. . . Que me resta fazer ? Morrer ! (*chora*) Morrer !. . . (*esconde o rosto*)

Alvaro — Quanto tens soffrido, minha boa Martha!

Estopa (*olhando para o capitão, á parte vendo-o chorar*) — Ai que o capitão tem agua aberta. (*choroso*) E eu não lhe resisto. (*chora em surdina*).

Martha (*indo a Pedro*) — Porque chora, meu pae?

Pedro (*levantando se*) — Pae !. . . Como esse nome pronunciado por uns labios innocentes se repercute no coração, nos avassalla todo o ser, que só existe para o ente que o pronuncia. Pae !. . . E' a palavra que traduz nitidamente todo o amor, toda a affeição, que tributamos ao auctor dos no-sos dias. (*commovendo-se*) Pae !. . . Feliz d'aquelle que sem possuir esse echo do coração, mais e muito mais acaricia o idolo de toda a sua existencia, considerando que elle é para si mais do que filho, emquanto que elle é para esse menos que pae. . . E quando um dia a fatalidade vem roubar-lhe traiçoeiramente, não sabe engeital-o. N'alma se desencadeia a mais horrorosa das luctas que é dado imaginar! N'esse momento ser-lhe-hia menos doloroso morrer! (*com magua*) Morrer !. . . (*transição*) Mas, que estou eu a dizer? Rapaz! Para bordo, é ali o nosso logar.

Martha (*abraçando-o*) — Oh ! meu paesinho.

Alvaro — Capitão, tenha dó d'ella.

Padre — E' um pae quem te supplica, quem te implora.

Estopa (*á parte, choroso*) — Eu não sirvo para estas coisas. (*chora*)

Pedro (*com magua reservada a Martha*) — A ti, tributo-te a mais innegualavel amizade! O mais acrisolado amôr! (*ao Padre*) A ti, lego-te a mais leal e sincera estima. (*a Alvaro*) A vós, tudo que possa valer a amizade d'um marinheiro. Que Deus vos guie, e vos ampare no futuro, pelo qual tanto haveis soffrido. Eu sou demais aqui. (*vae a sahir, Martha segura-o*)

Padre — Abandonas tua filha! Lanças-nos á mais dolorosa quebra de relações depois de tantos annos de amizade e confiança ?

Martha (*suplicante*) — Oh! Nunca! Não quero!

Pedro — Deixae-me ir em busca da minha familia. (*transição*) Chorei eu ? Pois eu chorei? Um velho lobo do mar, nunca chora. (*manifestando alegria fingida*) Adeus ! Adeus, meus amigos. Vou para bordo, vou para o seio da minha familia. . . (*vindo forçado*) Ah ! ah ! ah !. . . (*a Estopa*) Vamos rapaz, levanta ferro. Ha muito que fazer a bordo. (*vae a sahir*)

Martha e Alvaro (*agarrando-o*) — Attenda a nossos rogos.

Pedro (*a Martha*) — Sê feliz !

Martha — Oh! que é horrivel tudo isto. (*chora*)

Padre (*a Pedro*) — Attende-me, excellente amigo. . . Repara para ella. Acaso aquellas lagrimas agora vertidas por ti, te farão proseguir no que tão dolorosamente nos não desejas poupar ? Ella! A tua filha ! A filha a quem Deus confiou á tua guarda, sob o teu amor de pae amantissimo! Repudiar essa confiança é offender

a Deus, é offender a tua propria consciencia. Martha é tua verdadeira filha!

Pedro (*conserva-se immovel á parte*) — A morte! Antes mil vezes a morte!... (*sobe meia scena ao F.*)

Martha (*supplicante estendendo-lhe os braços*) — Meu querido pae!

Pedro (*indo a sahir. ao F. volta-se, olha para Martha, fita-a de subito vem cahir-lhe nos braços*) Oh! minha querida filha!... (*O Padre implora ao céo. Estopa bate as palmas de contente. Alvaro limpa uma lagrima. Cae o panno.*)

FIM

BIBLIOTHECA DRAMATICA POPULAR

N.º 47 — Um favor ao Procopio, com. em 1 acto, 3 h. e 2 s...	120
N.º 48 — Tio Milbões, com. em 5 actos, 10 h. e 5 s. (2.ª ed.)	300
N.º 49 — Major, com. em 1 acto, 1 h. e 2 s.	120
N.º 50 — Os fidalgos da Casa Mourisca dr. 5 a., e 6 q. 9 h. e 3 s.	300
N.º 51 — Depois de velhos.. gaiteiros, com. em 1 a., 3 h. e 1 s.	200
N.º 52 — Procella e bonança, drama em 3 actos, 7 h. e 1 s...	240
N.º 53 — Que amigos ! ! comedia em 1 acto, 5 h. e 1 s.....	120
N.º 54 — Tire d'ali a menina, com. em 2 actos, 5 h. e 2 s...	200
N.º 55 — V. Ex.ª desculpe, com. em 1 acto, 3 h. e 1 s. (2.ª ed.)	120
N.º 56 — Pena (A) de morte, drama em 3 actos, 4 h. e 1 s...	240
N.º 57 — Influencias eleitoraes, disp. comico, 2 h. (2.ª ed.)..	100
N.º 58 — Um marido cahido no laço, com em 1 acto, 2 h. e 2 s.	120
N.º 59 — Receita (A) dos Lacedemonios, com. em 3 a., 4 h. 3 s.	300
N.º 60 — Uma conferencia, entre acto comico, 2 h.....	100
N.º 61 — O primeiro desgosto, comedia em 1 acto, 3 h. e 2 p..	120
N.º 62 — Supplicio de uma mulher, drama em 3 actos, 3 h. 2 s.	300
N.º 63 — Isidoro o vaqueiro. com. em 2 a., 1 h. e 2 s. (2.ª ed.)	160
N.º 64 — Genro (O) do Caetano, com. em 3 actos, 6 h e 2 s..	300
N.º 65 — Quanto mais agua... , com. em 1 acto, 1 h. e 1 s..	120
N.º 66 — Arthur o jogador, drama em 3 actos, 10 h.....	300
N.º 67 — Os manos Sousas, entre-acto, 2 h.....	100
N.º 68 — Uma criada e um visinho, opereta comica em 1 acto, 1 h. e 1 s (2.ª edição).....	120
N.º 69 — Miguel de Vasconcellos, dr. 4 a. 12 h. e 1 s. (2.ª ed.)	300
N.º 70 — Fóra d'horas, com. em 1 acto, 3 h. (2.ª edição)....	120
N.º 71 — Pantano (O), drama em 4 actos, 6 h. e 5 s. (2.ª ed.).	300
N.º 72 — O advogado do diabo, comedia em 1 acto, 2 h. e 1 s.	120
N.º 73 — A martyr, drama em 5 actos, 12 h. e 4 s.....	300
N.º 74 — As botas do papá, com. em 1 acto, 4 h. e 2 s.....	120
N.º 75 — Fedora, drama em 4 actos, 14 h. 6 s.	300
N.º 76 — Dona Brisida, com. em 1 acto, em verso, 2 h. e 1 s.	120
N.º 77 — Santa Umbelina, drama em 3 actos, 4 h. e 5 s....	300
N.º 78 — Entre a cruz e a caldeirinha, com. 1 acto, 4 h. 1 s...	120
N.º 79 — Toutinegra (A) Real, com. em 4 actos, 6 h. e 4 s...	300
N.º 80 — Padre (O) liberal, drama em 1 acto, 2 h.....	100
N.º 81 — Nono : não desejarás ! com. em 3 actos, 5 h. e 2 s.	300
N.º 82 — Enguiços do sr. Baptista, com. em 1 acto, 2 h. e 2 s.	100
N.º 83 — Não me embaçam ! com. em 2 actos, 7 h. e 2 s....	240
N.º 84 — A fome do operario ! drama em 1 acto, 2 h. só. ...	100
N.º 85 — Ganha-Perde, com. em 3 actos, 7 h. e 5 s.....	300
N.º 86 — Heroes do mar, drama em 1 acto, 2 h.....	100
N.º 87 — O sr. Taborda, com. em 2 actos, 3 h. e 2 s.....	100
N.º 88 — Dois gallegos espertos, entre acto, 2 h.....	300
N.º 89 — Falsa adultera, dr. em 5 actos, 11 h. e 3 s. (3.ª ed.)	240
N.º 90 — Lucrecia Borgia, com. em 1 acto, 2 h. e 1 s.....	100
N.º 91 — O Perfume, com. em 3 actos, 5 h. e 2 s.....	300
N.º 92 — Pragas d'um capitão, com. em 1 acto, 1 h. e 1 s...	120

N.º 93 —	Probidade (A), drama em 3 actos, 16 h. e 2 s. (3.ª ed.)	300
N.º 94 —	Diz a caldeira á certã, com. em 1 acto, 4 h. e 2 s.	120
N.º 95 —	Os espectros, com. em 2 actos, 6 h. e 1 s.	200
N.º 96 —	Os Tyrolezes, opereta em 1 acto, 1 h. e 1 s.	200
N.º 97 —	Cura (O) d'aldeia, drama em 3 actos, 9 h. e 1 s.	300
N.º 98 —	Amores do Coronel, opereta em 1 acto, 2 h. e 1 s.	200
N.º 99 —	Heroe á força, com. em 3 actos, 10 h. e 1 s.	300
N.º 100 —	Cinco sentidos, opereta em 1 acto, 3 h. e 1 s.	200
N.º 101 —	Herança d'um marinheiro, dr. em 3 a., 4 h. e 1 s.	200
N.º 102 —	Avarento (O), drama em 1 acto, 5 h.	100
N.º 103 —	Dois pobres a uma porta, com. em 2 a., 6 h. e 2 s.	200
N.º 104 —	O Boccaccio. na rua, opereta em 1 acto, 4 h. e 1 s.	300
N.º 105 —	Cynismo, scepticismo e crença, drama em 2 actos, 5 h. e 1 s. (4.ª ed.)	300
N.º 106 —	Os Inquilinos do Sr. Zacharias, com. em 1 a., 5 h.	120
N.º 107 —	O Duque de Vizeu, dr. em 3 a., 11 h. e 2 s. (2.ª ed.)	300
N.º 108 —	Está cá o Augusto, com. em 1 acto, 4 h. 2 s.	120
N.º 109 —	Um homem de honra, dr. em 3 a., 10 h. 2 s. (2.ª ed.)	300
N.º 110 —	Mãe e filha, com. drama em 1 acto, 2 s.	120
N.º 111 —	Exemplo a casados, com. em 2 a., 4 h. 2 s. (2.ª ed.)	240
N.º 112 —	A Casa da Barafunda, com. em 1 acto, 2 h.	100
N.º 113 —	A Mascara verde, com. em 2 a., 6 h. e 2 s. (2.ª ed.)	200
N.º 114 —	Um calculo errado, com. em 1 acto, 7 h.	120
N.º 115 —	Filhos de Adão, com. em 3 a., 5 h. e 2 s. (2.ª ed.)	300
N.º 116 —	Os noivos de Margarida, opereta em 1 a., 4 h. 1 s.	200
N.º 117 —	Trabalho e honra, dr. em 3 a., 10 h. e 4 s. (3.ª ed.)	300
N.º 118 —	Amor fraternal, drama em 1 acto, 4 h.	120
N.º 119 —	Caserna (A), dr. em 5 actos, 15 h. e 1 s. (2.ª ed.)	300
N.º 120 —	Um namoro engraçado, com. em 1 acto, 3 h. e 2 s.	120
N.º 121 —	Nuvem negra em céu azul, dr. em 3 actos, 5 h. 3 s. (2.ª edição)	240
N.º 122 —	Traição d'Ophelia, com. em 1 acto, 4 h.	120
N.º 123 —	Santos & C.ª, com. em 2 actos, 7 h. e 2 s. (2.ª ed.)	200
N.º 124 —	Carlos e Luiza, com. em 1 acto, 1 h. e 1 s. (2.ª ed.)	120
N.º 125 —	Mimi, com. em 3 actos, 9 h. e 3 s.	300
N.º 126 —	Amores perfeitos, c. m. em 1 acto, 2 h. 1 s.	120
N.º 127 —	Quem o alheio veste., com. em 1 acto, 1 h. 2 s.	120
N.º 128 —	Por causa d'um papagaio, com. em 1 acto, 2 h. e 1 s. (2.ª ed.)	120
N.º 129 —	Viriato, drama em 5 actos, 8 h. e 2 s. (2.ª ed.)	300
N.º 130 —	Um julgamento no Samouco, com. em 1 a., 7 h. 1 s.	120
N.º 131 —	De cara á banda, com. em 1 acto, 5 h. 2 s.	120
N.º 132 —	Canto celestial, operetta em 1 acto, 3 h. 1 s.	200
N.º 133 —	Vida (A) d'um rapaz pobre, dr. em 5 a., 10 h. e 5 s. (2.ª edição)	300
N.º 134 —	Primos (O) com. em 1 acto, 2 h. e 1 s. (2.ª ed.)	120
N.º 135 —	Util e agradável, com. em 1 a., 5 h. e 2 s. (2.ª ed.)	200
N.º 136 —	Desejos de dois casados, com. em 1 acto, 3 h. e 2 s. (2.ª ed.)	120
N.º 137 —	Paris e Sevilha, operetta em 1 acto, 1 h. e 1 s.	200
N.º 138 —	Margarida ou o herdeiro desherdado, com. em	

	1 acto, 2 h. e 2 s. (2. ^a ed.).....	120
N.º 139	— Gaiola d'ouro, com. em 1 acto, 3 h. e 1 s. (2. ^a ed.)	120
N.º 140	— O que a ambição faz praticar, com. em 1 acto, 3 h. e 2 s. (2. ^a ed.).....	120
N.º 141	— Doidos politicos, com. em 1 acto, 4 h. e s. (2. ^a ed.)	160
N.º 142	— Um casamento em Branc'annes, operetta em 1 acto, 4 h. e 1 s.....	200
N.º 143	— A bom servidor boa paga, com. em 1 acto, 5 h. e 2 s. (2. ^a edição).....	120
N.º 144	— No campo da opposição, com. em 1 acto, 2 h. e 2 s. (2. ^a ed.)	120
N.º 145	— Bibi (O), opereta em 1 acto, 1 h. e 1 s.....	200
N.º 146	— Dansarino (O) encoberto, com. 1 acto, 4 h. e 2 s. (2. ^a ed.)	120
N.º 147	— Meias sollas e tacões, com. 1 acto, 4 h. e 2 s. (2. ^a ed.)	120
N.º 148	— Traviata, operetta em 1 acto, 7 h. 1 s.....	200
N.º 149	— Inter duo litigantes, com. em 1 acto, 2 homens....	120
N.º 150	— Filha (A) da sr. ^a Angot, operetta em 1 a., 4 h. e 1 s.	200
N.º 151	— Bombeiro voluntario, dr. em 3 actos, 5 h. e 1 s....	240
N.º 152	— Os ciumes, com. em 1 acto, 2 h. e 1 s.....	120
N.º 153	— Cynismo e honra, dr. em 3 actos, 7 h. e 1 s.....	300
N.º 154	— Uma confusão, com em 1 acto, 2 homens.....	100
N.º 155	— Marido (O) de duas mulheres, com. em 2 a., 4 h. 2 s.	240
N.º 156	— Comedia e tragedia, com. em 1 acto, 2 h. e 2 s....	120
N.º 157	— Brazão do artista, dr. em 3 actos, 9 h. e 1 senhora.	300
N.º 158	— Sem comer e sem dinheiro, com. em 1 acto, 7 h....	120
N.º 159	— Garra d'abutre, dr. em 2 actos, 6 homens e 1 s....	240
N.º 160	— Prima Chica, comedia em 1 acto, 4 homens só....	120
N.º 161	— Tribulações d'um herdeiro, com. em 3 actos, 6 h. e 1 senhora (2. ^a edição).....	300
N.º 162	— Morte de Catimbau, operetta em 1 acto, 3 h. e 1 s. (3. ^a edição)	200
N.º 163	— Fabia, tragedia heroe-comica em 3 actos, 5 h. e 3 s. (3. ^a edição).....	300
N.º 164	— Uma noite em Flôr da Rosa, com. em 1 a., 3 h. 1 s.	120
N.º 165	— Andador (O) das almas, opereta em 3 a., 5 h. e 1 s.	120
N.º 166	— Creado fallador, com. em 1 acto, 2 h. e 3 s.....	120
N.º 167	— Dois (Os) inseparaveis, com. 1 acto, 4 h. e 1 s. (2. ^a ed.)	300
N.º 168	— O agiota (O), drama em 3 actos, 11 homens e 1 s..	300
N.º 169	— Clarim (O) do regimento, com. em 1 acto, 2 h. e 1 s. (2. ^a edição).....	120
N.º 170	— Presentes (Os), com. em 1 acto, 2 h. e 1 s.....	120
N.º 171	— Sombra e luz, dr. em 3 actos, 6 h. e 1 s.....	300
N.º 172	— Loucuras d'amor, operetta em 1 acto, 5 h. e 2 s....	200
N.º 173	— Ciume (O) drama em 1 acto, 3 h.	120
N.º 174	— Casa (A) da Boneca, dr. em 3 actos, 4 h. e 4 s....	300
N.º 175	— Cosinha e botica, com. em 1 acto, 3 h. e 1 s.h....	120
N.º 176	— Fratricida (O), dr. em 1 acto, 3 h. e 1 s.....	120
N.º 177	— Paulo, o engeitado, dr. em 3 actos, 12 h. e 2 s....	300
N.º 178	— Birras (As) do papá, com. em 1 acto, 4 h. e 1 s....	120
N.º 179	— Na officina, dr. em 1 acto, 6 h. e 1 s. (2. ^a edição)..	200
N.º 180	— Crime (O) e a Punição, dr. em 4 actos, 7 h. e 1 s.	300

N.º 181	— Um disparate burlesco, entre-acto em verso, 2 h. . .	200
N.º 182	— Emquanto as rosas durarem, com. em 1 a., 1 h. 2 s.	120
N.º 183	— Política (A), com. em 3 actos, 9 h. e 2 s.	120
N.º 184	— Marcello, drama em 1 acto, 7 h. e 1 s.	200
N.º 185	— Carvão e hollas, operetta em 1 a., 3 h. e 2 s.	120
N.º 186	— O anjo do lar (O) dram. em 3 actos, 2 h. 1 s.	300
N.º 187	— De noite todos os gatos são pardos, c. em 1 a., 5 h. 2 s.	120
N.º 188	— Ali á pretá...n'um primeiro andar, op. 1 acto, 3 h. e 1 s.	200
N.º 189	— A Voz do Povo, drama em 3 actos, 10 h. e 2 s. . .	300
N.º 190	— Arrependimento (O) drama em 1 acto, 1 h. e 1 s. . .	120
N.º 191	— Duro com duro, operetta em 1 acto, 2 h. e 1 s. . . .	200
N.º 192	— Odio de raça, dr. em 3 actos, 5 h. e 2 s. (2.ª ed.) .	300
N.º 193	— Casamento(O) do cabo d'ordens, com. em 1 acto, 3 h.	120
N.º 194	— Nini, operetta em 1 acto, 5 h. e 2 s.	200
N.º 195	— Um namorado de 90 annos, com. em 2 a., 4 h. e 1 s.	240
N.º 196	— Jogo (O), dr. em 1 acto, 3 h. e 2 s.	120
N.º 197	— Surpreza (A) com. em 1 acto, 3 h. e 2 s.	120
N.º 198	— João o cocheiro, dr. em 6 actos, 8 h. e 2 s.	300
N.º 199	— Hotel das sete maravilhas, opereta em 1 a., 2 h. 1 s.	200
N.º 200	— Um marido que rapta sua mulher, c. 1 acto, 4 h. 3 s.	100
N.º 201	— Filho (O) bastardo, dr. em 2 actos, 3 h. e 2 s. . . .	240
N.º 202	— Pão, pão, queijo, queijo, com. em 1 acto, 3 h. 2 s. .	120
N.º 203	— Mestre de dança, opereta em 1 acto, 3 h. e 2 s. . . .	200
N.º 204	— Ghigi (O), drama em 5 actos, 8 h. (3.ª edição) . . .	400
N.º 205	— Ultima (A) moda, opereta em 1 acto, 2 h. e 1 s. . . .	200
N.º 206	— Que embrulhada!, com. em 1 acto, 4 h. e 2 s.	160
N.º 207	— Viuva (A), com. em 2 actos, 4 h. e 2 s. (2.ª edição) .	240
N.º 208	— Adulterio (O), drama em 1 acto, 4 h. e 1 s.	120
N.º 209	— Musica caracteristica, opereta em 1 acto, 2 h. e 1 s.	200
N.º 210	— Um amigo velho, comedia em 3 actos, 7 h. e 3 s. . .	300
N.º 211	— Os crepusculos, drama em 1 acto, 4 h. e 1 s.	120
N.º 212	— Sol (O) de ouro, opereta em 1 acto, 2 h. e 1 s.	200
N.º 213	— Rosa (a) Engeitada, drama em 5 actos, 15 h. e 3 s. .	300
N.º 214	— Silencio Callado, com. em 1 acto, 7 h. e 1 s.	120
N.º 215	— Pantaleão & C.ª, com. 1 acto, 4 h. só.	120
N.º 216	— Os Mentirosos, com. em 1 acto, 4 h. e 2 s.	120
N.º 217	— Pimentas (Os), comedia em 3 actos, 6 h. e 3 s. . . .	300
N.º 218	— Precisam-se dois homens, com. em 1 acto, 3 h. e 2 s. .	120
N.º 219	— Os doidos com juizo, com. em 1 acto, 6 h. só.	120
N.º 220	— Se Jesus voltasse, com. em 1 acto, 1 h. e 1 s.	120
N.º 221	— Allucinação de mãe, drama em 3 actos, 6 h. e 2 s.	300
N.º 222	— A Tareca, com. em 1 acto, 2 h. só.	120
N.º 223	— Esperteza feminina, com. em 1 acto, 4 h. e 1 s. . . .	120
N.º 224	— Fidalguinha d'Ovar, com. em 1 acto, 2 h. e 1 s. . . .	120
N.º 225	— O Visinho de cima, com. em 2 actos, 4 h. e 2 s. . . .	240
N.º 226	— A Preguiçosa, com. em 1 acto, 1 h. e 2 s.	120
N.º 227	— A Saudade, drama em 1 acto, 3 h. e 1 s.	120
N.º 228	— Que meninos, opereta em 1 acto, 1 h. e 1 s.	200
N.º 229	— A Sr.ª Ministra, com. em 3 actos, 7 h. e 3 s.	300
N.º 230	— Para homens só, com. em 1 acto, 2 h. e 1 s.	100
N.º 231	— Por um cabelo, com. em 1 acto, 1 h. e 1 s.	200

N.º 232	— Entre namorados, opereta em 1 acto, 1 h. e 1 s....	120
N.º 233	— A Dama das Camélias, drama em 5 actos, 9 h e 4 s.	300
N.º 234	— Um anjo no 3.º andar, com. em 1 acto, 2 h. e 1 s..	120
N.º 235	— Noite (A) do Calvário, drama em 4 actos, 15 h. e 10 s.	300
N.º 236	— Má cara e bom coração, com. em 1 acto, 3 h. e 1 s.	120
N.º 237	— Scenas da miséria, drama em 3 actos, 7 h. e 1 s...	300
N.º 238	— Entre viuvos, opereta em 1 acto, 2 h. e 1 s.....	120
N.º 239	— Purgatorio de casados, com. em 2 actos, 4 h. e 2 s.	200
N.º 240	— O Operariado, drama em 1 acto, 6 homens só	120
N.º 241	— Dae aos orphãos, com. em 1 acto, 3 h. e 2 s.....	120
N.º 243	— A Caixa de prata, com. em 1 acto, 3 h. e 2 s.....	120
N.º 244	— Nove mil réis d'alviçaras, com. em 1 acto, 2 h. e 2 s.	120
N.º 245	— Partida (A) do voltarete, com. em 1 acto, 2 h. e 1 s.	120
N.º 246	— Por causa d'um relógio, com. em 1 acto, 3 h. e 2 s.	120
N.º 247	— A damados cravos brancos, com. em 1 acto, 3 h. e 3 s.	120
N.º 248	— As botinhas escocezas, com. em 1 acto, 4 h. e 1 s.	120
N.º 249	— Uma revolução, com. em 1 acto, 4 h. e 2 s.	120
N.º 250	— Um hotel modelo, com. em 1 acto, 7 h. e 1 s. . .	120
N.º 251	— Amor e gulodice, com. em 1 acto, 5 h. e 2 s.....	120
N.º 252	— Duetto... á força, dialogo em verso, 2 h. só.....	200
N.º 253	— Casamento inesperado, com. em 1 acto, 5 h. e 1 s.	120
N.º 254	— O filho da Carolina, com. em 4 actos, 10 h. e 5 s..	300
N.º 255	— O ultimo idolo, drama em 1 acto, 2 h. e 1 s. (2.ª ed)	120
N.º 256	— O commissario é uma joia, com em 1 acto, 7 h. e 1 s.	120
N.º 257	— Amor louco, drama em 3 actos, 5 h. e 1 s.	300
N.º 258	— A' hora do comboio, com. em 1 acto, 1 h. e 1 s....	120
N.º 259	— Fogo e metralha, com. em 1 acto, 3 h. e 2 s.....	120
N.º 260	— D. Cesar de Bazan, com. em 5 actos, 8 h. e 2 s..	300
N.º 261	— Nobreza do attista, drama em 1 a., 6 h. e 1 s. (3.ª ed)	160
N.º 262	— Marido d'ocasião, com. em 1 acto, 3 h. e 2 s.....	120
N.º 263	— Rosa do adro, drama em 3 actos, 8 h. e 2 s.....	300
N.º 264	— O Mata-moiros, com. em 1 acto, 4 h. e 1 s.....	120
N.º 265	— O artigo 355 1/2 bis, com. em 1 acto, 6 h. e 1 s. .	120
N.º 266	— Anastacia & C.ª, modas e confecções, com. em 3 a. 8 h. e 4 s.....	300
N.º 267	— Dôr intima, drama em 1 acto, 1 h. e 2 s.	120
N.º 268	— O Foguete, folha satyricaem, 1 acto, 6 h. e 1 s. .	120
N.º 269	— A' capital Federal, operetta em 1 acto, 3 h. e 1 s.	200
N.º 270	— O Proscripto, drama em 3 actos 10 h. e 1 s.....	300
N.º 271	— O maestro Epaminondas, com. em 1 acto, 4 h. e 2 s	120
N.º 272	— A cruz da esmolla, drama em 3 actos, 10 h. e 10 s.	300
N.º 273	— O nariz do Visconde, com. em 1 acto, 2 h. e 1 s..	120
N.º 274	— Os dois medrosos, Entre-acto, 2 h.....	100
N.º 275	— Sem mulher, sem bigode, com. em 1 a., 1 h. e 1 s.	120
N.º 276	— A flor dos trigaes, com. em 1 acto, 2 h. e 1 s.....	200
N.º 277	— Zanette, operetta-lyrica em 1 acto, 1 h. e 1 s.....	200
N.º 278	— O expedicionario, drama em 3 actos, 6 h. e 1 s...	300



LIVRARIA POPULAR
DE
FRANCISCO FRANCO
CASA FUNDADA EM 1890

30 a 34. TRAVESSA DE S. DOMINGOS. 30 a 34
LISBOA

Ultimas publicações:

O sensacional e escandaloso romance original
do fecundo romancista

AUGUSTO DE LACERDA

LUXO & LUXURIA

Companhia d'escandalo illimitado

Com uma capa illustrada a côres

PREÇO 700 REIS

O REQUERENTE UNIVERSAL

Formulario geral para todo o genero de petições e requerimentos, para o processo administrativo sobre impostos, contribuições de decima de juro, industrial, predial, renda de casas, etc., para provar bom comportamento, tirar folha corrida, para militares e eleitores, casamentos civis e religiosos, despejo judicial de casas, etc., etc.

MANUAL DO CONTRIBUINTE UNIVERSAL

Contendo modelos para todo o genero de reclamações, requerimentos e recursos, elaborados em conformidade com a legislação em vigor.

Preço 200 réis

AVELINO DE SOUSA

CANCÕES AO FADO

Lindíssima collecção de cantigas de fado, sendo nma grande parte para cantar no estylo do NOVO FADO d'este mesmo auctor. 1 vol. com 78 cantigas em diversos sentidos com a capa illustrada com o retrato do auctor. **Preço 200 réis**

NOVO FADO DO AVELINO

Impressão musical d'este inspirado fado, que causou o maior successo na revista **Beijos de Burro**.

3.^a edição revista e augmentada — **Preço 240 réis**

Amola... amola..	100	Pois sim... mas anda lá!.....	100
Aproximadamente.....	100	Por debaixo e por detraz.....	100
Arca de Noé.....	100	P'ra exposição.....	100
Assim... assim (11. ^a edição).....	100	Quadrilha.....	100
Axim... axim...(em gallego 3. ^a ed.)	100	Que rica cousa.....	100
Atchim.....	100	Revisor do comboio.....	100
Attrahente (O).....	100	Schiu !.....	100
Batalha d'amor.....	100	Sem fallar.....	100
Berimbau de Lulu.....	100	Sempre deitado.....	100
Bibi (O) (Nhé Sartolé).....	100	Sempre sentado.....	100
Bumba.....	100	Tal (O) quindim.....	100
Caretas (As).....	100	Talvez te escreva.....	100
Catapum.....	100	Talvez te responda.....	100
Chaleira (A).....	100	Toca a musica.....	100
Chalet (O) das damas.....	100	Toma lá cerejas.....	100
Chorar (A) e a rir.....	100	Tres (As) noivas.....	100
Com a ponta da bengalla.....	100	Ui que danxa (em gallego).....	100
Com o meu chapéu.....	100	Ul lá-lá! (3. ^a edição).....	100
Cumprimentos (Os).....	100	Uma viagem ao Tyrol.....	100
De nariz p'ra o ar.....	100	Vae p'r'o convento.....	100
Desculpe voencia.....	100	Vae-te embora Antonio.....	100
E' a tal cousa.....	100	Wenceslau (O).....	100
E deixa andar.....	100	Virgulas (As).....	100
E' feitto.....	100	Viuvo (O).....	100
Escapou.....	100	Viva o Champagne.....	100
Está d'reito.....	100	Xempre aguentar.....	100
Estás a ver.....	100	Zabumba.....	100
Eu cá... puff!.....	100	Záz tráz páz (2. ^a edição).....	100
Eu faço tudo.....	100	Pão, pão, queijo, queijo, revista em 3 actos (d'oplas).....	60
Eu sim vou já.....	100	Canconetas para senhora	
Falla-me logo á sahida.....	100	Ah! carimba.....	100
Falta-me sempre uma cousa.....	100	Ai! ai! titi.....	100
Foi no balão.....	100	Alfacinha (A).....	100
Francisquinho.....	100	Ao atravessar.....	100
Guarda (O) sol.....	100	Beu! Beu!.....	100
Inflamavel (O).....	100	Com a caixa de cartão.....	100
Influencias (As).....	100	Coquette.....	100
Magalla (O).....	100	Côres (As).....	100
Mais um!.....	100	Corra o marfim.....	100
Massa! (A).....	100	Cravo (O) e a rosa.....	100
Mazalipatão.....	100	Fal'a-me ainda uma cou a.....	100
Meus (Os) retratos.....	100	Frue as.....	100
Minha (A) dança.....	100	Grisette.....	100
Na clave do sol.....	100	Linda flôr.....	100
Não chor's porque tambem vaes	100	Meus patrões.....	100
N'ó pode ser.....	100	Meus tres noivos.....	100
Não vae lá.....	100	Naná.....	100
Na pan tega.....	100	Não me façam rir.....	100
Nem m'is nem menos.....	100	Rouxinol.....	100
Nicoli-Nicóla.....	100	Um batalhão no convento.....	100
Oh !!!.....	100	Monologos comicos	
Oh! oh! com essa cara.....	100	Cardina (O) (para homem).....	100
Oh! que b'm par!.....	100	Careca (O) (para homem).....	100
Olé, menina olé!.....	100	Casei-me (para homem).....	100
Ora vae tu!.....	100	Gigante (O) (para homem).....	100
Petulante.....	100	Falta de tempo (para senhora).....	100
Pobres-ricos.....	100		